

FLAVIO QUINTELA



MENTIRAM
e muito
PARA MIM



VIDEOPORIAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



FLAVIO QUINTELA



MENTIRAM *e muito* PARA MIM



VIDE EDITORIAL

FLAVIO QUINTELA

MENTIRAM

e muito

PARA MIM



VIDE EDITORIAL

Sumário

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Agradecimentos](#)

[Prefácio](#)

[Introdução](#)

[Capítulo I – Começam a mentir desde muito cedo para nós: a mais-valia](#)

[Capítulo II – A mentira mais voraz: a de que a própria verdade não existe](#)

[Capítulo III – Mentiram de novo: a festa da democracia brasileira](#)

[Capítulo IV – Mentindo sobre ideologia: não existe mais direita ou esquerda](#)

[Capítulo V – Mentirinha: o PSDB é um partido de direita](#)

[Capítulo VI – Amplas mentiras: a maldade da Direita](#)

[Capítulo VII – Mentindo sobre Hitler: o nazismo é de extrema direita](#)

[Capítulo VIII – Mentira de lobo mau: nem toda esquerda quer o comunismo](#)

[Capítulo IX – Cínicos mentirosos: o comunismo ainda não existiu na Terra](#)

[Capítulo X – A mentira do bonzinho: o esquerdista se preocupa com os pobres e oprimidos](#)

[Capítulo XI – Mentira que ninguém mais agüenta: bandido é vítima da sociedade](#)

[Capítulo XII – Nem o diabo acredita nesta mentira: sou um cristão socialista](#)

[Capítulo XIII – A mentira mais contada de todas: o golpe militar de 1964](#)

[Capítulo XIV – Auto-engano ou mentira proposital: a mídia é direitista](#)

[Capítulo XV – Algo que exala mentira: o sistema educacional brasileiro](#)

[Capítulo XVI – Mentira em letras góticas sobre pele de carneiro: diploma](#)

[Capítulo XVII – Mentiras que atravessam gerações: dívida histórica](#)

[Capítulo XVIII – Mentira tripla: o bolsa-família foi criado pelo PT, é bom e tira as pessoas da miséria](#)

[Capítulo XIX – Mentira boba? Nem tanto: Deus é brasileiro](#)

[Capítulo XX – Verdades](#)

[Bibliografia Básica](#)

[Créditos](#)

[Sobre o Autor](#)

[Sobre a Obra](#)

Agradecimentos

Quero agradecer a algumas pessoas que tornaram possível este livro. Primeiramente à minha esposa Alessandra, que leu muitas e muitas vezes cada página, acompanhando o trabalho desde o início, mas principalmente por ter me estimulado a escrever. Foi ela quem me disse: “Amor, eu acho que você deveria escrever um livro falando sobre tudo o que conversamos aqui em casa, sobre o que tem acontecido no Brasil”. Agradeço ao professor Olavo de Carvalho, mestre que me abriu os olhos para um entendimento muito maior da realidade e que continua a ser uma grande referência para minha intelectualidade. Ao meu amigo e editor César Kyn d’Ávila, que além de me apresentar o trabalho do Olavo foi também meu companheiro em empreitadas únicas, cheias de experiências marcantes. Ao Paulo Eduardo Martins, por ter se disposto a escrever o excelente prefácio deste livro, e ao Rodrigo Constantino pelo ótimo texto da orelha da capa e pela expressão impagável “esquerda caviar”. Compartilho com essas pessoas três grandes valores de minha vida: a honestidade, a sinceridade e a busca pela verdade.

Prefácio

PAULO EDUARDO MARTINS

Na *Era da Mediocridade*, onde se vê a consagração dos idiotas e a supremacia dos cretinos, a busca pela verdade por aqueles que se recusam a fazer parte do time supracitado requer não apenas autonomia intelectual, percepção e sensibilidade, essas coisas todas que fazem a pessoa enxergar os fatos como eles são. Requer além de tudo coragem para dizê-la.

Coragem é um pressuposto para fazer de alguém um lutador, e na tal *Era da Mediocridade* dizer a verdade é entrar numa luta. O que deveria ser motivo de aplauso é encarado pela mentalidade predominante como uma afronta, um escárnio.

Acostumados a pregar sem encontrar contestação, ficam atordoados quando se deparam com a argumentação da nova intelectualidade que começa a surgir no país, resultado direto do trabalho do professor Olavo de Carvalho. É um grupo ainda pequeno, mas bem treinado e que bate forte com a mão direita.

A reação do *establishment* esquerdista é duríssima e conta com um repertório de golpes que não observa nenhum tipo de regra e persegue simplesmente o seu objetivo: destruir completamente aquele que ousou desmontar a sua fraude intelectual. É isso: o cenário cultural brasileiro foi transformado em um ringue.

Flavio Quintela é um desses jovens que resolveram entrar no ringue e lutar. Apresenta-se ao público muito bem preparado com o seu *Mentiram (e muito) para mim*, obra em que, como o leitor verá em seguida, ataca diversas das mentiras fundamentais cravadas na mente do brasileiro, ao longo de décadas, pelo festejado trio formado por mediocres, idiotas e cretinos.

Em um dos capítulos, Quintela trata de acabar com a mentira fundamental que serve de pilar de sustentação para todas as outras, aquela que diz que “a verdade não existe”. De forma rápida e direta, a relativização da verdade é esmigalhada, e assim o autor convida o leitor a ocupar um local da platéia em que ele consegue ver a luta do melhor ângulo possível. Nesse ambiente, torna-se um VIP.

A verdade não está na cabeça de cada um e o PSDB é um canhoto com classe. É assim! Flavio golpeia e desmonta as principais falácias estabelecidas com tamanha precisão e impiedade que chega a cometer um breve deslize: as divisões do livro são chamadas de capítulos, quando seria mais adequado chamá-las de *rounds*.

De nocaute em nocaute, *Mentiram (e muito) para mim* é daquelas obras que estabelecem um marco; um antes e depois na vida de quem se dispõe a sair de sua cômoda convivência com as mentiras estabelecidas para confrontá-las com a verdade, sem medo de descobrir qual é o seu próprio papel nessa história. É um trabalho capaz de fazer o sujeito tirar o sorvete da testa ou até parar de babar na gravata. [\[1\]](#) Pegue o lenço e boa leitura.

1 A expressão “babar na gravata” é uma referência e homenagem a Nelson Rodrigues

“Não é uma mentira, se você acreditar nela”.

GEORGE CONSTANZA

Introdução

Obrigado!

Escolhi começar com esta palavra pois não poderia deixar de agradecer a você, que comprou este livro, mesmo sendo o primeiro de minha autoria. Espero que todo o trabalho que tive em escrevê-lo se traduza em benefícios para você, e por consequência, para os que estiverem à sua volta. Se há algo que aprendi nos últimos anos que passei no Brasil é que há sempre um esquerdista pronto a capturar a alma ingênua que cruza seu caminho, mas dificilmente há um conservador preparado para fazer o mesmo. Enquanto aquele milita ferozmente, e crê (ou finge que crê) que é o portador da verdade libertadora, este geralmente passa os dias reclamando através das redes sociais e ignora, parafraseando o próprio Jesus Cristo, que a plantação é grande e poucos são os trabalhadores.

A idéia deste livro é ser uma introdução à situação geral do país. Tudo o que escrevi aqui foi baseado em pesquisas em livros e artigos já publicados. Eu espero com isso ter garantido a você, leitor, o máximo de precisão em todas as informações. Mas como eu não sou o dono da verdade, e sim humano e passível de falhas, pode ser que alguma coisa tenha ficado nebulosa ou algum erro tenha passado despercebido. Se isto acontecer, peço sua compreensão.

Caso você se sinta compelido a compartilhar com outros o que vier a ler neste livro, peço que não se refreie, mas que dê vazão a tal necessidade: a de abrir os olhos daqueles que ainda estão presos neste simulacro de democracia que é o Brasil do século XXI. Para os que assistiram ao filme *Matrix*, de 1999, eu me coloco humildemente como um dos que escolheram a pílula vermelha das mãos de Morpheus (no filme interpretado por Laurence Fishburne, na minha vida pelo filósofo Olavo de Carvalho), servindo em gratidão por ter sido resgatado de uma grande teia de mentiras e engano, na busca pela libertação dos meus semelhantes, que ainda estão presos. Quanto mais mentes pudermos resgatar da ignorância e da cegueira, mais chances teremos de evitar o futuro catastrófico e autoritário que nos está reservado atualmente. E quem sabe, com a quantidade certa de esforços, nosso grupo cresça ao ponto de debelar essa corja esquerdista que empurra nosso país para o buraco.

Espero somente que não seja tarde demais para tudo isso.

*“Em economia política, a sabedoria tem
dívidas; a ignorância, certezas”.*

EUGEN VON BÖHM-BAWERK

CAPÍTULO I

Começam a mentir desde muito cedo para nós: a mais-valia

Eu nasci em 1975. Não sou mais um juvenzinho, mas ainda não cheguei aos quarenta. Tenho boa memória, de modo que lembro claramente de muitas coisas que me foram ditas nos primeiros anos de escola.

Em minha época de pré-escola fui poupado da doutrinação marxista – minhas primeiras lembranças de conteúdo claramente esquerdista são da quinta série, quando tinha então dez anos de idade. Assim, posso dizer que fui privilegiado, pois passei os primeiros nove anos de vida sem ouvir tantas mentiras assim. A mim era dito que deveria estudar, pois o estudo me daria condições de crescer e vencer; que deveria me esforçar para ser o primeiro aluno da classe, pois os primeiros seriam recompensados e teriam seu mérito reconhecido; que deveria buscar o conhecimento e a excelência desde cedo, pois somente assim eu poderia alcançar mais do que meus pais alcançaram, e ser motivo de orgulho para eles. Naquela época não existia progressão continuada, a série “A” era sempre a classe com os melhores alunos, e quem não estudava acabava mesmo é tomando pau, repetindo de ano. Detalhe importante: estudei a vida toda em escolas públicas, e mais precisamente, da primeira à oitava série, na Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Professor Maurício Antunes Ferraz, vulgo “Jegão”, em São Bernardo do Campo.

Bom, voltando às primeiras mentiras, foi da boca da professora Clarice, que lecionava História, que saiu aquela palavra composta mentirosa e tosca, como se fosse a mais pura verdade: mais-valia. Sim, um conceito marxista já provado errado há mais de um século por Eugen von Böhm-Bawerk [\[2\]](#) considerado praticamente como um conto da carochinha por todo o mundo ocidental civilizado, essa “maravilha marxista” me foi entregue como um segredo valioso que explicaria de onde vem toda a riqueza dos “terríveis e cruéis industriais capitalistas”. Lá estava ela, aquela professora baixinha e vermelha (tanto em seus cabelos ruivos como em seu esquerdismo patológico) “ensinando” crianças inocentes a odiar os industriais, os patrões, os chefes, os empreendedores e os ricos, pois essas pessoas só podiam ter mais bens que outras pelo simples fato de que, e agora vem a primeira mentira que vou listar neste livro,

para alguém ganhar mais, alguém tem que necessariamente ganhar menos.

Imagine a situação: mais de trinta crianças reunidas numa sala de aula, ouvindo daquele que se diz ser o mestre, o professor, a afirmação concreta de que não é possível ganhar mais sem fazer alguém ganhar menos. Se você foi estudante no Brasil, então também ouviu isso, e em algum momento se sentiu mal em querer ser rico. Afinal, se para ser rico eu preciso ferrar com alguém, tornando-o pobre, ou serei um rico vivendo em culpa ou serei um rico canalha, sem escrúpulos. Perceba o quão daninha e maldosa é essa primeira mentira que me contaram, e que contaram aos meus colegas de classe. Naquele momento, aos que optaram por acreditar em sua professora, fechou-se um mundo inteiro de possibilidades, pois a única opção a uma vida de culpa ou de canalhice era, necessariamente, ser um esquerdista e lutar pela implantação do socialismo no Brasil.

O mais incrível é que a mais-valia é tão fácil de se provar errada, que somente é possível

ensiná-la como “verdade” quando se lida com crianças ou com idiotas – aquelas por sua ingenuidade e falta de malícia, estes por sua condição mental afetada. Uma breve análise da quantidade de riqueza gerada no mundo durante o século XX mostrará um aumento constante na riqueza global, aumento este que, por si só, inviabiliza o conceito-base da mais-valia, de que a riqueza apenas sai de uns para outros, e nunca é criada. Nos últimos trinta anos esse fenômeno de criação global de riqueza se intensificou, e com o advento dos mercados de tecnologia, especialmente com as empresas operantes no espaço virtual, na internet, a cada dia que passa um novo negócio é criado, novas pessoas ficam ricas, outras ficam milionárias, e esse dinheiro todo não sai, de modo algum, de empregados explorados por seus patrões. São riquezas criadas no dinamismo do mercado, que premia as melhores idéias com reconhecimento monetário, e mata as idéias inúteis por inanição.

Tentar explicar os lucros de empresas como Google e Facebook utilizando a mentira da mais-valia é como tentar explicar as chuvas e tempestades como sendo consequência das faxinas de São Pedro nas salas celestiais. Para quem não lembra, Marx diz que o lucro no sistema capitalista vem de um fato único: o patrão paga ao empregado menos do que o seu trabalho vale de verdade, e essa diferença, a mais-valia, vai sendo somada, de modo que o patrão acaba lucrando a soma de todas as mais-valias de seus empregados. Um raciocínio tosco, ridículo, que despreza toda a dinâmica dos mercados, e que se mostra ainda mais sem sentido na era da economia digital, onde se constrói uma empresa milionária em uma garagem, usando apenas inteligência e criatividade.

Assim, de agora em diante, para não confundir meus leitores, passarei a chamar a mais-valia de “lenda”, pois é algo tão real como o saci ou como o boitatá. Se você nunca olhou o livro de história que seus filhos usam na escola, agora seria uma boa hora, pois essa lenda está lá, firme como se fosse uma verdade divina, assombrando o espírito empreendedor de suas crianças, matando toda e qualquer admiração que elas possam um dia vir a ter pelo mundo dos negócios, pelas carreiras corporativas, pelo empreendedorismo, pela meritocracia e pela criatividade. Não deixe que um professor esquerdista limite seus filhos a uma existência rasa, cheia de falácias e mentiras. O Brasil precisa de ótimos alunos, de gênios e de, principalmente, gente que abandone a mediocridade e busque as partes altas da alma, um intelecto superior, um desejo de transcender o comum. Essa busca é a busca pela verdade, e a própria existência da verdade tem sido questionada, o que nos leva a mais uma mentira, em nosso próximo capítulo.

2 A obra de Eugen von Böhm-Bawerk usada como referência está listada ao final do livro, na *Bibliografia Básica*, junto com diversas outras ótimas referências para o leitor que quiser se aprofundar em qualquer dos assuntos aqui abordados.

“Chega sempre um momento na história em que quem se atreve a dizer que dois e dois são quatro é condenado à morte”.

ALBERT CAMUS

CAPÍTULO II

A mentira mais voraz: a de que a própria verdade não existe

Não é de se admirar que o brasileiro médio não tenha a menor idéia do que é direita e esquerda, do que é livre mercado e de como funciona a economia. As mentiras são tantas, e em intensidade tão grande que, para a mente destreinada, já não são mais identificáveis como mentiras, mas como afirmações nebulosas dentro de uma nuvem de verdades relativas. Sem saber no que acreditar, a pessoa passa a rejeitar algumas verdades básicas e a aceitar algumas mentiras absurdas. Sair deste estado nebuloso da alma é algo que requer, acima de tudo, dedicação, humildade e honestidade intelectual. Qualquer traço de arrogância e soberba intelectual, por menor que seja, pode impedir a pessoa de se libertar, pois a soberba faz que ela despreze opiniões e idéias sem ao menos examiná-las a fundo. No geral, num mundo como o que vivemos hoje, em que a mídia é predominantemente esquerdista, [\[3 \]](#) a soberba intelectual levará a pessoa a desprezar, em número muito superior, opiniões e idéias conservadoras, pois estas vão de encontro ao que já está estabelecido como “verdade”, e por isso são difamadas e tachadas como reacionárias e odiosas. A soberba, na medida em que desestimula a investigação honesta das idéias, acaba por perpetuar o *establishment*, ou seja, a hegemonia intelectual do momento.

Desde há algum tempo tem sido posta em prática a destruição sistemática do conceito da “verdade”. Esta destruição baseia-se na grande mentira que se tem disseminado em todas as escolas e universidades, de que não existem verdades absolutas, que tudo é relativo e sujeito à interpretação de cada um. Embora isto seja um conceito que se auto-contradiz – se não existem verdades, então a própria afirmação de que não existem verdades também não pode ser uma verdade – as pessoas não se cansam de dizer isso, afirmando de peito estufado que “o que é verdade para você pode não ser para mim”, repetindo da forma mais automática e bôco toda a mentira que lhes foi contada por seus professores, pela mídia esquerdista e por toda uma militância que se infiltrou por completo nas camadas da sociedade brasileira.

Por que eu considero esta a mentira mais voraz de todas? Ora, as palavras são o que temos de mais precioso para nos ajudar a entender e descrever o mundo. Cada objeto, cada conceito, cada pedaço da realidade, se não for descritível em palavras, não é possível de ser comunicado. Assim, se eu tento descrever uma cadeira para meu interlocutor, e me utilizo da palavra cadeira, assumo que esta palavra será entendida por ele como um objeto que é usado para que alguém possa se sentar, que tem um encosto, que pode ou não ter braços, que tem pernas, que pode ser de madeira, de metal, de plástico etc. Não há como discutir a cadeira, ou qualquer que seja o assunto relacionado a ela, sem ter em comum o entendimento da palavra, da letra. Por sua vez, a própria cadeira traz consigo outras definições, que também precisam ser decodificadas – é preciso saber que os braços da cadeira são diferentes de braços humanos e de braços de rios. E assim o conjunto de palavras que conhecemos acaba por limitar o conjunto da realidade que conseguimos entender. O real existe independentemente de cada um de nós, mas a quantidade desse real que está à nossa disposição para discussão e análise depende tão somente do conjunto de códigos que possuímos para apreendê-lo: as palavras. É por isso que o esvaziamento da

palavra “verdade” é algo tão sórdido e nefasto para uma sociedade, pois o conceito da verdade, estando embutido em tantos outros conceitos, é ele mesmo um alicerce para a apreensão da realidade, e em sua falta ou defeito residem as maiores dificuldades em entender o óbvio que se coloca diante de cada um. Se não existem verdades, então não existem códigos mútuos pelos quais possamos apreender a realidade, e cada um terá de se contentar em viver em um mundo somente seu, numa espécie de autismo existencial.

Esta grande mentira é como um extrato do mal e da vileza, que a tudo o que toca infecta e transforma em mais mentira. Assim, o primeiro objeto de ódio desta mentira é o que nos sustenta como civilização ocidental: a herança judaico-cristã. Todas as liberdades conquistadas duramente nos últimos séculos são fruto dos princípios disseminados pela cristandade, princípios de elevada moral que não só pautaram as vidas de seus santos e seguidores como a de civilizações inteiras. Não há como negar, historicamente, a importância dos princípios judaico-cristãos na formação das leis modernas, das liberdades e dos direitos. É impossível imaginar que uma civilização que partisse de valores absolutamente distintos como os do marxismo, [4] ou mesmo os do islamismo, chegasse a conceber coisas como liberdade de expressão, direito à vida e igualdade racial, entre outros. Basta olhar para os países comunistas e para as nações islâmicas, e nada se achará destas conquistas. Pelo contrário, é lá que não há liberdade de expressão, que a vida vale menos que uma opinião, e que homossexuais são assassinados pelo simples fato de assim serem.

O que seria fato até engraçado, se não fosse realmente trágico, é que a própria liberdade, garantida nas nações onde há democracia, acaba por ser uma arma nas mãos daqueles que querem suprimi-la. É o que se vê hoje no Brasil, em todas as maneiras possíveis e imagináveis – vereadores e deputados se utilizando da liberdade, e de muitas mentiras, para passar leis que tirem cada vez mais a liberdade das pessoas, em troca de uma falsa segurança ou de um respeito a um pseudo-direito. Explico com um exemplo: há um anteprojeto de lei absurdo que prevê a extinção da família tradicional heterossexual como base da sociedade, [5] criminalizando o uso de termos corriqueiros e normais como “pai” e “mãe”. A base desta monstruosidade consiste em explicações das mais absurdas, onde se defende o “direito” de uma minoria de crianças que não têm um pai ou uma mãe, ou seja, crianças que vivem em lares com pais homossexuais, de não serem ofendidas ou constrangidas quando se usa esses termos ou quando se comemora datas como “dia das mães” e “dia dos pais”. Ora, veja como é ridícula essa argumentação, bastando para isso aplicá-la a outras minorias:

- vamos proibir que se pratique esportes, para que os tetraplégicos não se sintam mal;
- vamos proibir que se atribuam notas à performance dos alunos, para que aqueles que têm notas baixas não se sintam constrangidos;
- vamos proibir a venda de carros luxuosos, para que os que possuem carros mais simples não se sintam humilhados;
- aliás, vamos proibir a venda de carros em absoluto, para que os usuários do transporte público não se sintam preteridos;
- vamos proibir os programas de humor e a exibição de comédias, para que os

melancólicos e depressivos não se sintam diminuídos.

Como você pode ver, sob um pretexto de proteger minorias, é possível proibir praticamente tudo, bastando para isso um grupo de políticos mal-intencionados e uma população massificada e adestrada como um todo por essa máquina de produzir mentiras que é o sistema educacional e a mídia brasileira. E é claro, esse tipo de absurdo somente é possível em um sistema de governo onde esses mesmos políticos mal-intencionados têm ao seu dispor instrumentos democráticos para criar leis que vão aos poucos solapando o próprio sistema. É como se estivéssemos todos num edifício, e em seu último andar houvesse um grande guindaste. Esse guindaste pode ser usado para construir mais andares, mas também pode ser usado para bater uma enorme bola de ferro contra os pilares de sustentação do próprio edifício. No Brasil é o que se faz hoje: aqueles que deveriam legislar em prol da consolidação da democracia são os que agem para destruí-la, agindo de dentro para fora, legitimados pela chamada “festa da democracia”, que aliás é nossa próxima mentira a ser desmascarada.

3 Para mais informações sobre esse tema, veja artigo de Olavo de Carvalho em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/131110dc.html>.

4 É impossível negar que Marx foi um racista e um defensor do extermínio dos “inferiores”. Para mais informações veja <http://juliosevero.blogspot.com.br/2006/06/o-racismo-de-karl-marx.html>.

5 Veja o texto deste anteprojeto (Estatuto da Diversidade Sexual) em <http://direitohomoafetivo.com.br/uploads/5.%20ESTATUTO%20DA%20DIVERSIDADE%20SEXU.%20texto.pdf>.

*“Um boletim de voto tem mais força
que um tiro de espingarda”.*

ABRAHAM LINCOLN

CAPÍTULO III

Mentiram de novo: a festa da democracia brasileira

Manchete presente em dez de cada dez jornais e telejornais brasileiros nas épocas de eleição, a chamada “festa da democracia” é mais um engodo que nos ensinam desde a tenra infância. Lembro-me muito bem da época em que a Constituição de 1988 foi promulgada, da euforia de alguns de nós (os de treze a quinze anos de idade) em saber que poderíamos votar em breve, assim que fizessemos dezesseis. Para aqueles meninos e meninas, votar significava democracia – “se eu posso votar, tenho o poder de escolher quem vai governar!”, pensávamos ingenuamente.

Mas que mentira porca! Para começar, somos obrigados a votar. O princípio mais básico da escolha, que é o de decidir se quero participar ou não, nos foi tolhido. O brasileiro tem a obrigação de votar, e se não puder tem que se justificar oficialmente. Na festa da democracia brasileira nenhum de nós é convidado – somos todos obrigados a comparecer, e o que nos servem geralmente não dariamos nem a porcos, mas nos é apresentado como um banquete maravilhoso.

Mas ainda há muito mais: o sistema eleitoral brasileiro não apenas priva o eleitor de decidir se quer ou não participar do processo, mas o expõe a uma regra intrincada e praticamente impossível de se entender, no que tange à eleição de representantes do Legislativo, os vereadores, deputados estaduais (e distritais) e deputados federais. Continuando com nossa metáfora, o brasileiro vai à festa da democracia mas não sabe quem vai ganhar o presente que comprou. Ele compra o presente para o aniversariante, mas depois percebe que foi dado para aquele convidado que ele mal conhece, ou às vezes de quem nem mesmo gosta. A história recente mostra casos absurdos em nível federal, como o do deputado Tiririca, que foi eleito com a segunda maior votação da história (mais de um milhão e trezentos mil votos) e cujos votos foram suficientes para eleger mais três parlamentares que tiveram uma votação pífia, todos com menos de cem mil votos. Assim, o sujeito vota em um candidato, que pode chegar a um número considerável de votos, algo como trezentos mil, mas quem acaba eleito é um candidato com noventa mil votos, porque o mesmo teve um “puxador” forte em seu partido. Se isso não é uma mentira institucionalizada, não sei mais o que é.

E para terminar, não poderia faltar um parágrafo sobre as urnas eletrônicas brasileiras. Alardeadas pelo governo como a oitava maravilha do mundo, as urnas eletrônicas não permitem, de forma alguma, que haja conferência dos votos em caso de dúvida. O pior mesmo é que são eletrônicas, e por isso são passíveis de ser manipuladas e adulteradas, como qualquer sistema eletrônico. Acreditar que as urnas brasileiras são infalíveis é de uma ingenuidade tremenda. Afinal, se instituições com níveis de segurança altíssimos como bancos, como o FBI americano, como a Interpol e mesmo empresas como Google e Microsoft (que são oriundas desse mercado tecnológico) já tiveram seus servidores invadidos, porque haveríamos de acreditar que as urnas eletrônicas brasileiras são imunes a isso? Se você ainda tem dificuldade em crer, sugiro que se inscreva como fiscal de partido na próxima eleição. Alguns dias antes das eleições você receberá um treinamento que mostra todas as técnicas utilizadas para adulterar urnas eletrônicas, a título de conhecimento para prevenção. Há também inúmeros casos de candidatos que terminaram a

eleição com nenhum voto (nem mesmo o seu), mas que sequer são ouvidos pela justiça eleitoral, e ainda têm de responder judicialmente por “incitarem dúvida sobre o processo eleitoral”. E terminando este assunto, já existem modelos de urna eletrônica, em outros países, que são seguras e permitem a conferência, pois são urnas que imprimem o voto, o qual fica disponível para recontagem em caso de dúvida dos partidos e dos candidatos – são chamadas de urnas de segunda e terceira geração. Até o momento em que este livro foi publicado não havia nenhum plano de mudança de nossas urnas para modelos mais seguros.

Assim, com tanta enganação e dificuldade em entender e exercer o voto de forma clara e segura, a “festa da democracia” adquire um significado completamente oposto. E sendo oposto à festa, só posso lamentar cada vez que ouço esses clichês pipocando na mídia, com reportagens que mostram velhinhos saindo de casa a muito custo para votar, como se apenas esse ato de se deslocar a uma zona eleitoral e apertar alguns botões bastasse para dizer que somos um país democrático. E o brasileiro, em sua grande maioria, segue acreditando nessas mentiras, que acabam se tornando “verdades” para a massa.

Eu não poderia deixar de mencionar nesse momento uma mentira complementar à da festa da democracia, que tem colaborado demais para a falência da democracia brasileira. É a mentira sobre a ideologia política, sobre direita e esquerda. Mas esse será o tema do próximo capítulo.

“A esquerda define-se a si mesma e define seu adversário, por menos que este se encaixe objetivamente na definição”.

OLAVO DE CARVALHO

CAPÍTULO IV

Mentindo sobre ideologia: não existe mais direita ou esquerda

Uma pesquisa realizada pelo Datafolha em outubro de 2013 revelou que apenas 30% dos brasileiros possuem um perfil ideológico de esquerda. [\[6\]](#) O detalhe é que a pesquisa utilizava perguntas extremamente tendenciosas, como por exemplo a que fecha a pesquisa, sobre religião. As opções eram “Acreditar em Deus torna as pessoas melhores” (opção de direita) ou “Acreditar em Deus não necessariamente torna uma pessoa melhor” (opção de esquerda). Veja o nível de desonestidade de quem formulou a pesquisa! Várias pessoas com perfil ideológico de direita não acham que o simples fato de acreditar em Deus torna alguém melhor, e de forma alguma isso reflete um pensamento de direita, assim como o contrário não reflete o de esquerda. Contudo, apesar de toda a desonestidade da pesquisa, ficou caracterizado que o brasileiro é, em sua maioria, de direita, o que deve ter sido um soco no estômago dos mentirosos e manipuladores que criaram essa aberração.

Comecei este capítulo falando desta pesquisa, para que você enxergue uma realidade do Brasil que está camuflada, longe da mídia: o povo brasileiro é de direita e é conservador, ainda que não saiba se descrever como tal, mas quando questionado sobre temas que dividem essas duas linhas ideológicas, mostra o quanto preza pelos valores e princípios conservadores. No entanto, o que se tem ouvido na mídia brasileira e da boca de muitos políticos é que não há mais direita e esquerda, que essa é uma discussão ultrapassada. Essa mentira é o cerne de nossa estrutura partidária podre e frouxa, que funciona apenas à base de conchavos, favores e retribuições. Mas antes de continuar acho importante passar por alguns conceitos básicos, e esclarecer dois antagonismos importantes – conservador *versus* revolucionário e direita *versus* esquerda.

Começemos com o conceito de “ser um revolucionário”. Uma revolução é uma mudança brusca de paradigma, ou seja, uma ruptura de um estado de coisas que leva a um novo estado de coisas, completamente diferente. Nesse sentido, quando aprendemos na escola que houve a “Revolução Industrial” é porque a mudança no paradigma de produção de bens foi tamanha que se pode identificar claramente um período “antes” e um “depois”. O revolucionário, no sentido político-ideológico, é portanto aquele que acredita que o sistema político-social em que vive deve ser substituído por algo totalmente novo, algo que ele não tem muita clareza de como será, já que este novo se encontra necessariamente no futuro, mas que deve ser completamente diferente e distinto do que existe atualmente. Assim, fica claro que ser revolucionário significa operar com base em expectativas incertas, abandonando o lastro de conhecimento do passado histórico em busca de um futuro “ideal” nebuloso.

Mas como pensa um conservador? Bem, o conservador acredita que é possível operar no sistema político-social em que vive através de pequenas mudanças, que em seu conjunto no tempo acabam por transformar esse mesmo sistema desde dentro, caracterizando um perfil de evolução histórica, sem um rumo final definido. Desta maneira, ser conservador significa operar com base em experiências reais, utilizando o lastro de conhecimento do passado histórico como matéria-prima para novas idéias, em busca de um futuro melhor, mas sem a figura do “ideal imanente”.

Definidos os conceitos de revolução e conservadorismo fica mais fácil entender o que é direita e o que é esquerda. Tudo começa lá na França.

O antigo regime monárquico francês começou a ser questionado e criticado durante os séculos XVII e XVIII. Intelectuais e pensadores da época trabalhavam em teorias e modelos políticos que pudessem, de um modo mais justo e igualitário, substituir a monarquia absolutista. Esse viés de mudança foi se tornando cada vez mais acentuado, mas a partir dele se desenvolveram linhas diferentes de pensamento. Alguns acreditavam no bem inerente do homem e na sua capacidade de remodelar a sociedade em algo melhor, rumo ao ideal, ao perfeito, com a diminuição ou mesmo a remoção completa do divino, substituído pelas “qualidades elevadas do homem” – uma humanidade auto-redimível. Já outros criam que o ser humano sempre foi e sempre será passível de falhas, e por isso desprovido da capacidade de, sozinho, criar uma sociedade ideal ou perfeita – uma humanidade não-redimível. Pois bem, estes deram origem ao pensamento de direita, e aqueles ao de esquerda. No entanto, essa terminologia de direita e esquerda nunca havia sido utilizada.

No reinado de Luís XVI, durante um período de forte crise econômica, o rei convocou uma assembléia com os representantes das classes da época, o clero, a nobreza e o povo, que teve por objetivo a busca de aconselhamento, de novas idéias, para ajudar a França a sair da crise. Nesta assembléia os que defendiam uma ruptura completa do atual sistema sentaram-se à esquerda do rei, enquanto os que defendiam a manutenção da monarquia com reformas internas sentaram-se à direita. Os representantes do povo, que estavam à esquerda do rei, acabaram por dissolver a assembléia, culminando na sangrenta revolução que acabou com a monarquia na França, e instituiu a república, com dois partidos dominantes: os girondinos e os jacobinos.

Os girondinos, que se sentavam à direita na nova assembléia, defendiam uma posição mais conservadora, uma busca gradual da consolidação da república. Já os jacobinos eram mais radicais e defendiam o aprofundamento da revolução, pois achavam que as conquistas já atingidas não eram ainda suficientes. Com o passar do tempo, a posição em que se assentava um político passou a ser usada como definição de orientação ideológica do mesmo: se ele sentava do lado direito, era considerado conservador, e se sentava do lado esquerdo, um revolucionário. Como você pode ver, as ideologias de direita e esquerda não surgiram na Revolução Francesa, como ensinam nossas escolas (quando ensinam), mas apenas receberam seus nomes em virtude desta.

Mas ainda falta uma conexão entre o que os conservadores e revolucionários daquela época pensavam, e o que pensam hoje. Essa conexão foi feita por pensadores das duas linhas, que se aprofundaram em suas teorias. Os revolucionários depositavam sua fé na capacidade e bondade do homem (pensamento iluminista humanista), o que tornava possível, ao menos em teoria, criar sistemas de governo mais justos, em que um Estado mais atuante pudesse regular a economia, defender as minorias, excitar as massas e estabelecer a justiça social. Já os conservadores eram conhecidos como realistas, pois não criam que o ser humano era capaz de conceber e realizar tamanho bem e justiça, e por isso desconfiavam de qualquer governo que acumulasse muitas funções, no temor de que este governo viesse a abusar de seu poder, acabando por se tornar totalitário e despótico. Daí que hoje os políticos de esquerda são a favor de um Estado inflado,

que “cuide” das pessoas, defendendo minorias a qualquer custo, interferindo na economia com regras pesadas, impostos altos e supressão das liberdades individuais. E os políticos de direita são a favor de um Estado menor possível, com menos impostos, pouca ou nenhuma intervenção na economia e onde as liberdades individuais sejam preservadas ao máximo.

Na história do século XX o mundo assistiu à ascensão de governos revolucionários baseados nas doutrinas de Marx, que levou o pensamento de esquerda ao extremo: um Estado tão grande e poderoso que substituísse até mesmo a religião das pessoas, uma intervenção tão forte na economia a ponto de que a propriedade privada fosse extinta, e uma supressão de liberdades tal que até mesmo os atos de opinar e de se deixar o país fossem proibidos. Esse modelo extremo, que hoje só existe em Cuba e Coréia do Norte, foi e continua sendo o sonho da esquerda brasileira. Uma leitura rápida dos estatutos e documentos dos partidos de esquerda brasileiros revelará sempre a mesma coisa: o projeto, a qualquer custo, de fazer do Brasil uma nação socialista-comunista.

Ora, se a esquerda brasileira ainda se baseia em um sistema falido e cuja ineficácia é historicamente comprovada, e se o povo brasileiro é, em sua maioria, de perfil ideológico de direita, a quem interessaria disseminar tal mentira, de que não existe mais direita e esquerda? É claro que só interessa à esquerda. Eliminando-se os conceitos de direita e esquerda, elimina-se também toda a ideologia da política, e o que sobra são apenas meios de se oferecer migalhas em troca de votos. Se o eleitor não sabe nada de ideologia, não sabe o que é direita nem esquerda, não sabe a linha de pensamento dos políticos, não conhece a base ideológica dos partidos e não reconhece mais que a diferença entre dois políticos está em suas idéias, e não em suas promessas, então a democracia morreu, e o que se estabeleceu em seu lugar foi um sistema de escambo, onde um voto é dado por causa de um benefício próprio, e somente por isso.

Mas se o brasileiro é conservador em sua maioria, onde estão os políticos que possam representá-lo? Estão em extinção, principalmente depois da ascensão do Sr. Luiz Inácio da Silva, em 2002, à presidência da República. Daquele momento em diante o Partido dos Trabalhadores procurou de todas as formas atacar os partidos de direita (que já eram pouquíssimos) e encurralar os políticos conservadores em partidos que não os representam ideologicamente, tornando cada vez mais difícil para o eleitor identificar candidaturas que representem seus ideais. [\[7 \]](#)

Resumindo este capítulo, a direita e a esquerda existem sim, mas no Brasil a direita foi demonizada, atacada e reduzida a quase nada, politicamente falando. No entanto, a população e os nossos melhores pensadores que restaram são de direita. Existe então um hiato muito grande entre o que somos como povo e o que somos como políticos – nosso sistema político de hoje não representa, de forma alguma, os ideais e interesses da população. Eu não consigo enxergar uma outra maneira de agir a não ser desmascarar os mentirosos e tentar abrir os olhos dos que compartilham os mesmos valores que eu. Uma vez que tivermos uma massa crítica que leve ao desenvolvimento de uma estrutura de disseminação do pensamento de direita, e a ocupação de espaços importantes por pessoas de direita, talvez possamos pensar em repovoar o espectro político com um partido que nos represente.

O interessante é que o esquerdismo nunca ataca com uma mentira só. A investida é feita com

múltiplas possibilidades, e quando alguém os desmarcara, imediatamente lançam mão de um novo engodo. Quantas vezes não me deparei com pessoas que, em discussões no Facebook ou mesmo ao vivo, olharam para mim como se eu fosse um louco quando me ouviam dizer que o PSDB é um partido de esquerda. Logo me diziam: “Você é um ignorante, pois o PSDB é de direita”. Eis mais uma mentira digna de ser destruída. Será o tópico de nosso próximo capítulo

6 Veja o resultado completo desta pesquisa no *website* do Datafolha:

<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2013/10/1358017-48-dos-brasileiros-se-identificam-com-valores-ideologicos-de-direita.shtml>.

7 Veja a afirmação de Olavo de Carvalho de que a CUT reconhecia, em 1993, a presença de 800 jornalistas em sua folha de pagamento (<http://www.olavodecarvalho.org/semana/onacional.htm>), denunciando a estratégia esquerdista para demonizar a direita, que culminou com a comemoração de Lula, em 2009, quando o então Presidente da República disse que “*Não tem um candidato que represente a direita. É fantástico.*”

(<http://noticias.uol.com.br/politica/2009/09/16/ult5773u2493.jhtm>)

*“Em política, a comunhão de ódios
é quase sempre a base das amizades”.*

CHARLES TOCQUEVILLE

CAPÍTULO V

Mentirinha: o PSDB é um partido de direita

O entendimento do quadro político atual brasileiro passa necessariamente pela análise das últimas eleições presidenciais, e também pelo conhecimento da organização supra-nacional que comanda partidos da esquerda da América Latina, o Foro de São Paulo.

Começando com a nossa história recente, voltemos à época da chamada redemocratização brasileira, na transição do último governo militar, de João Figueiredo, para José Sarney, que assumiu a presidência em virtude da morte de Tancredo Neves. José Sarney governou sem a possibilidade de reeleição, que seria estabelecida apenas no primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso, com a emenda constitucional nº 16, em 1997. Naquela época o mandato durava cinco anos, de modo que, em 1989, o Brasil teve sua primeira eleição presidencial por votação direta depois do período militar. Nesta eleição havia 22 candidatos, entre eles Fernando Gabeira (PV), Ronaldo Caiado (PSD), Enéias (PRONA), Aureliano Chaves (PFL), Roberto Freire (PCB), Ulysses Guimarães (PMDB), Guilherme Afif Domingos (PL), Paulo Maluf (PDS), Mário Covas (PSDB), Leonel Brizola (PDT), Lula (PT) e Fernando Collor de Mello (PRN). A disputa foi levada ao segundo turno, com Fernando Collor em primeiro lugar, com 28,52% dos votos, e Lula em segundo, com 16,08% dos votos. Collor tinha como vice Itamar Franco, também do PRN, e Lula tinha como vice José Paulo Bisol, do PSB (esta informação nos será valiosa no decorrer do capítulo). A esquerda política, que tinha como principais expoentes Lula, Brizola e Covas, conseguiu 42% dos votos do primeiro turno, e Lula foi ao segundo turno no lugar de Brizola por apenas 455.000 votos a mais. Importantíssimo ressaltar que Covas e Brizola declararam apoio a Lula no segundo turno, ou seja, PT e PSDB foram juntos contra Collor.

No segundo turno Collor foi eleito com 49,94% dos votos, contra 44,23% de Lula, tornando-se o primeiro presidente eleito de forma direta desde 1960. Ele ficaria no poder por apenas dois anos e meio, até sofrer o *impeachment* em 1992. Vale lembrar que os motivos que levaram ao *impeachment* de Collor, tanto na qualidade das acusações como nos valores envolvidos, são muito inferiores se comparados aos do processo do Mensalão de Lula, e podem deixar o leitor perplexo e a se indagar o porquê de tamanha impunidade num caso – nenhuma acusação ao ex-presidente Lula – e tamanho rigor no outro.

Enfim, das cinzas de Collor surge seu vice Itamar Franco, que assume um governo contra o qual uma oposição de esquerda vinha se unindo, e de forma bastante organizada. Foi em julho de 1990 que aconteceu a primeira reunião do Foro de São Paulo, com a participação maciça dos partidos de esquerda brasileiros e de outros países latino-americanos, com o objetivo declarado de implantar governos socialistas nos países da América Latina, agindo de forma ordenada e com uma estratégia centralizada pelo Foro no estabelecimento de metas e ações para o atingimento das mesmas em todo o continente. Dentro desta estratégia estava a candidatura unida da esquerda nas eleições que estavam por vir, em 1994. Neste cenário, PT e PSDB tinham em vista uma aliança eleitoral, ainda que o PSDB não fizesse parte do Foro de São Paulo, [\[8\]](#) e não havia nesta época a inimizade e ódio que se vê hoje, mesmo porque a formação programática de ambos os partidos sempre foi semelhante. Mas uma decisão do presidente Itamar Franco

mudaria tudo: a nomeação de Fernando Henrique Cardoso como Ministro da Fazenda – em 1994 é lançado o Plano Real que, ao acabar com a inflação que aterrorizava os brasileiros, criou as condições ideais para a candidatura de FHC à presidência.

Assim, nas eleições presidenciais de 1994, foi fendida a esquerda brasileira, e criada a polarização PT-PSDB. Foi uma disputa entre oito candidatos, da qual saiu vitorioso já em primeiro turno o candidato Fernando Henrique Cardoso. Tornando-se o PSDB governo, tornou-se o PT oposição, imediatamente. E um Lula derrotado foi buscar no Foro de São Paulo as estratégias para seu futuro político.[\[9 \]](#) O Foro sempre teve ligações viscerais com as FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia), organização terrorista de guerrilheiros ligados ao narcotráfico, e que foi investigada pela Comissão Mista de Controle das Atividades de Inteligência do Congresso Nacional, pelo suposto envio de cinco milhões de dólares ao Partido dos Trabalhadores, com o objetivo de financiar campanhas eleitorais de candidatos petistas de sua predileção.[\[10 \]](#) A investigação foi iniciada após reportagem publicada na revista Veja.[\[11 \]](#)

Com a aprovação da emenda que permitia a reeleição, e tendo feito um governo que se gabava de ter exterminado a inflação e levado o Brasil de volta ao grupo de países com economia estável e ambiente favorável aos negócios, FHC consegue uma reeleição tranqüila em 1998, em primeiro turno, com 53,05% dos votos. A polarização PT-PSDB se acentua, e o projeto de poder do PT, dentro das estratégias do Foro, continua firme, agora com olhos na eleição de 2002. É importante notar que, com o recrudescimento da rivalidade PT-PSDB, sendo o PT agora o maior representante da esquerda brasileira, e tendo o PSDB estabelecido, no governo FHC, algumas medidas econômicas de cunho liberal, o discurso em torno da ideologia partidária começa a mudar, e o PT passa a caracterizar seu novo inimigo, o PSDB, como um representante da burguesia, e não mais como um parceiro na luta pelo socialismo. Este fenômeno pode ser definido como um deslocamento de espectro da política brasileira – na falta de partidos de direita, e com a chegada de partidos de esquerda radical como PCO e PSTU, um partido de esquerda moderada como o PSDB acaba por ser confundido com a própria direita. E a polarização com o PT somente reforça esta falsa noção, da qual vem a mentira que estamos demolindo.

Nas eleições de 2002 Lula finalmente consegue o objetivo do PT e do Foro de São Paulo: comandar o maior país da América Latina e nele estabelecer uma base de domínio para o Foro, base que será fundamental para as conquistas que viriam na Argentina, Venezuela e Bolívia. O PSDB perde com José Serra e acaba na oposição ao governo Lula, juntamente com PPS [\[12 \]](#) e PFL [\[13 \]](#) No entanto, ser oposição ao governo do PT se mostra uma tarefa bastante ingrata: através de métodos e ações criminosos como o do Mensalão, o PT vai minando e destruindo a oposição, que se vê reduzida a cada eleição. Por sua vez, o PSDB perde grandes oportunidades de combater o governo petista, principalmente ao “deixar passar” o Mensalão, em 2006, e permite que Lula seja reeleito, num misto de covardia com absoluta desunião interna.

As próximas duas eleições confirmam o domínio político do PT e a inaptidão da oposição tucana, com a reeleição de Lula em 2006, com vitória sobre Geraldo Alckmin, e a eleição de Dilma em 2010, sobre novamente José Serra. Nas eleições de 2010, com grande parte dos partidos brasileiros cooptados e integrados à base governista – inclusive o próprio PSB, cujo

maior expoente eleitoral, Eduardo Campos, fora reeleito governador de Pernambuco – não havia nenhum candidato que sequer se aproximasse dos ideais de direita, como o próprio Lula já havia dito no ano anterior. Na ocasião ele se utilizou do termo pejorativo “trogloditas da direita” ao afirmar que seria fantástico que, pela primeira vez na história, o Brasil não teria nenhum candidato direitista no pleito presidencial. Esta afirmação, vinda do maior líder da esquerda brasileira, já bastaria para esclarecer que o PSDB é sim um partido de esquerda. O Foro de São Paulo, na época com vinte anos de existência, via seus planos para o Brasil avançarem incólumes a tudo, e um próximo passo deveria ser dado em direção ao domínio completo da política brasileira e ao extermínio da oposição.

Com a ascensão de Eduardo Campos ao status de político competente e querido pelo empresariado brasileiro foi iniciado o processo de destruição da polarização PT-PSDB para dar lugar a uma nova polarização, PT-PSB. A estratégia é clara e óbvia: a polarização de poder entre um partido do Foro (PT) e um que não pertence ao Foro (PSDB) traz a incômoda possibilidade de uma derrota no pleito de 2014 e consequente perda do poder por um mínimo de quatro anos. Ao elevar o PSB, que sempre foi aliado do PT e membro fundador do Foro, ao status de poder político polarizador, o Foro de São Paulo garante que, independentemente de quem sairá vencedor nas urnas, o país continuará sob suas rédeas. Esta estratégia pode ser identificada claramente nas palavras de Jaques Wagner, governador petista, em entrevista nas páginas amarelas da revista Veja, em maio de 2013, onde diz que

é possível fazer alternância por dentro do projeto ou por fora. Eduardo pode ser essa alternativa por dentro em 2018: o grupo se mantém na Presidência, mas com outro nome, outro partido. É melhor entregar para um aliado do que perder para um adversário ou para um ex-aliado.

Não poderia ser mais claro: a alternativa “por dentro do projeto” é reeleger Dilma em 2014 e eleger Eduardo Campos em 2018. E a alternativa “por fora” é eleger Eduardo Campos já em 2014. Em qualquer das alternativas o Foro mantém o poder e cria uma nova polarização de poder, PT-PSB, tirando o foco do PSDB, a fim de isolar cada vez mais a oposição e governar o país sem forças contrárias, rumo ao totalitarismo travestido de democracia.

Assim, como se pode ver neste capítulo, a afirmação de que o PSDB é um partido de direita é comprovadamente mentirosa, e tem servido a interesses petistas e do Foro de São Paulo. Estes, com a colaboração da grande mídia, ganham terreno político diariamente, cooptando partidos e políticos para a máquina do governo, esvaziando a oposição e construindo, através dos próprios mecanismos democráticos, um governo anti-democrático, num processo semelhante ao ocorrido na Venezuela de Chávez.

Este capítulo termina com uma representação gráfica do espectro político brasileiro atual, feito com base no conteúdo ideológico de cada partido, como declarado em seus documentos de fundação e estatutos de funcionamento:

EPECTRO POLÍTICO BRASILEIRO – 2014

EXTREMA

ESQUERDA				ESQUERDA					CENTRO						
P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	D
C	S	S	C	T	S	V	D	P	S	S	T	M	P	R	E
O	T	O	<i>do</i>	B		T	S	D	D	D	B	D			M
	U	L	B					B				B			

É nítido o abandono político da direita brasileira, que não tem representação política no Congresso Nacional tampouco no Senado. Não há sequer um deputado eleito por um partido de direita e, oposto ao que declarou Lula, não há nada de fantástico nisso, muito pelo contrário. Mas chamar a direita de trogloditas e fascistas é prática comum entre os esquerdistas, e será objeto de nosso próximo capítulo.

8 Os partidos fundadores do Foro de São Paulo seguem a cartilha de ação revolucionária, o socialismo Marxista, enquanto que o PSDB sempre foi um partido adepto do socialismo Fabiano, uma vertente do socialismo que não age por movimentos revolucionários. Para mais informações sobre as forças socialistas presentes no Brasil e suas estratégias, veja <http://www.olavodecarvalho.org/semana/08032002globo.htm>

9 Veja artigo do próprio Instituto Lula sobre a importância do Foro de São Paulo para a estratégia esquerdista de poder na América Latina. O artigo contém também a íntegra do discurso de Lula na abertura do XIX Encontro do Foro: <http://www.institutolula.org/o-foro-de-sao-paulo-foi-crucial-para-a-chegada-da-esquerda-ao-poder/#.Utniq2RpTx4>.

10 Veja artigo disponível no *website* do Senado sobre esta investigação: <http://senado.justica.inf.br/noticia/2005/03/demostenes-quer-novos-depoimentos-sobre-suposta-doacao-farc-pt>.

11 Veja a reportagem completa disponível no arquivo digital de Veja, em http://veja.abril.com.br/160305/p_044.html.

12 O PPS, Partido Popular Socialista, foi o partido criado em 1992 para substituir o antigo PCB, Partido Comunista Brasileiro. A decisão de dissolver o PCB e em seu lugar fundar o PPS foi tomada após a queda do regime comunista na antiga União Soviética, em 1991.

13 O PFL, Partido da Frente Liberal, viria a ser refundado em 28 de março de 2007 com o nome de Democratas, e a sigla DEM.

“Uma mentira dá uma volta inteira ao mundo antes mesmo de a verdade ter oportunidade de se vestir”.

WINSTON CHURCHILL

CAPÍTULO VI

Amplas mentiras: a maldade da Direita

Embora a esquerda seja o berço das ideologias mais torpes que o homem já conseguiu elaborar, é à direita que os esquerdistas gostam de atribuir as maldades e infortúnios do mundo. Até pela inferioridade intelectual que a esquerda apresenta, é muito comum, em qualquer tipo de debate, seja ao vivo, na internet ou via conferência telefônica, que o esquerdistas sempre parta para o xingamento e para a demonização da direita – quando os argumentos se tornam escassos, partir para a ofensa mentirosa é a opção de onze em cada dez esquerdistas.

Fascista, imperialista, machista, racista, xenófobo, porco capitalista, opressor, neonazinormativo, coxinha, conservador assassino, culpado pelos males do mundo – essas são algumas das descrições que já me foram aplicadas em debates e discussões. E eu não acho que as pessoas que me xingaram o fizeram pelo simples prazer de me ofender, mas porque aprenderam com seus mentores e com o nosso sistema educacional “maravilhoso” que a direita é realmente tudo isso, e que odiá-la é o melhor a se fazer na luta revolucionária.

Pois bem, chegou a hora de mostrar a verdade: a liberdade que ainda existe no mundo, pelo menos em alguns lugares dele, é fruto único e exclusivo da herança judaico-cristã que a direita conservadora tanto procura preservar. A análise histórica corroborará esta afirmação.

As nações livres do mundo são todas optantes da democracia como forma de exercício do poder político. O conceito, no entanto, é bastante antigo, tendo sido implementado em diversas cidades gregas, sendo Atenas o caso mais famoso e também o primeiro.

Por volta de 550 a.C. a cidade-estado de Atenas já se utilizava de um modo de governo diferente de todos os outros conhecidos no mundo da época. Nesse modelo as decisões políticas eram tomadas em assembleias onde o cidadão ateniense participava diretamente, ou seja, sem a eleição de representantes. Cada cidadão tinha um voto, e em Atenas cerca de vinte por cento da população compunha-se de cidadãos: crianças, jovens com menos de dezoito anos, mulheres e escravos ficavam fora do processo.

Durante cinco séculos a democracia existiu nessa região, inicialmente na Grécia e depois em Roma, onde já apresentava estruturas similares às de hoje, com um Senado composto pela nobreza e assembleias para o povo comum. A democracia grega termina justamente com a conquista da Grécia por Roma, e a romana dura até 27 a.C., quando Otávio Augusto assume o governo romano sob o título de Imperador e varre a democracia da face do planeta.

Somente mil e seiscentos anos depois o mundo voltaria a fazer uso da democracia, e nesse interim houve impérios, senhores feudais e monarquias totalitaristas no chamado mundo ocidental. Mas houve também algo que até então o mundo não conhecia, um movimento vindo do judaísmo, cujo líder, Jesus Cristo, tornou-se a figura mais conhecida da história humana. Seus seguidores se agremiaram no que viria a ser a instituição que mais contribuiria, nos séculos seguintes, para o desenvolvimento do homem.

Embora a Grécia tenha nos dado uma riqueza filosófica imensa, foi com as idéias de pensadores e filósofos cristãos que se moldaram os conceitos de liberdade e de igualdade dos

homens. Se Aristóteles acreditava que alguns homens nascem para ser escravos e outros para ser livres, o cristianismo tornava essa condição de liberdade em algo universal, aplicável a todos os seres humanos. Homens como Agostinho e Tomás de Aquino escreveram algumas das mais importantes linhas da história humana, lançando fundamentos essenciais ao entendimento de que todo homem nasce livre e deve permanecer livre como indivíduo, tendo direitos essenciais à vida, desde sua concepção até sua morte natural, e à propriedade privada.

Além disso a história mostra que hospitais e universidades, instituições-chave para o desenvolvimento da civilização moderna, são criações cristãs, dadas ao mundo pela Igreja Católica. A ciência como a conhecemos hoje só foi possível após o advento das universidades, e o aumento da expectativa de vida é decorrente do desenvolvimento da medicina em hospitais-escolas. Assim, enquanto autores e personagens esquerdistas não cansam de associar o cristianismo ao atraso científico, como se a ciência e o conservadorismo judaico-cristão fossem inimigos posicionados em extremos opostos, a verdade é exatamente o contrário disso.

Com a colonização da América do Norte pelos ingleses um fato inédito aconteceu: uma nação foi criada inteiramente sobre bases de direita, conservadoras, e com princípios judaico-cristãos. A própria Declaração da Independência dos Estados Unidos da América contém o seguinte escrito: “Todos os homens são dotados por seu Criador de Direitos inalienáveis, entre eles a vida, a liberdade e a busca da felicidade”. Os homens que a escreveram acreditavam que:

- as pessoas são responsáveis por si mesmas, e não precisam de um governo que as ajude com benefícios e esmolas oficiais, pois isso as deixará fracas e dependentes;
- o governo deve servir às pessoas, e não o contrário;
- o mercado deve ser livre, pois quanto mais pesada a mão reguladora do governo, mais difícil é conduzir negócios e gerar riquezas;
- a principal tarefa de um governo é defender o país e garantir liberdade para cada indivíduo;
- a propriedade privada é essencial para coibir a tirania;
- a família é a base da sociedade e sua unidade primária de manutenção de valores e princípios.

Diante de tudo isso parece óbvio procurar pelas coisas boas que a esquerda trouxe ao mundo, e não ter que ser coisas muito boas para justificar o discurso canalha de que a direita detém o monopólio do mal na Terra.

Infelizmente não há muitas virtudes no esquerdismo. Pelo contrário, uma das características mais marcantes de todos os movimentos de esquerda é a presença de assassinatos em massa. Foi assim na Revolução Francesa, quando os jacobinos derramaram sangue em quantidades nunca antes vistas na França. Foi assim quando os bolcheviques tomaram o poder na Rússia, banhando a revolução com o sangue de seus inimigos. Foi assim quando Mao Tsé-Tung assassinou mais de quarenta e cinco milhões de pessoas em apenas quatro anos. Foi assim quando Stálin matou mais de vinte milhões de pessoas para implantar o comunismo na União Soviética. Foi assim no

Camboja, na Coréia do Norte, no Afeganistão, no Vietnã e em Cuba – todos os países, veja bem, todos que adotaram o comunismo, passaram por genocídios e assassinatos em massa, sempre partindo dos líderes do movimento revolucionário. O século vinte assistiu à morte de mais de cem milhões de pessoas decorrentes do comunismo, tornando-o a maior causa de morte da história humana, à frente de todas as guerras, pragas e cataclismos que já abateram o homem em sua breve história. E isso sem considerar o nazismo, tema do nosso próximo capítulo.

*“Nós somos socialistas, somos inimigos
do sistema econômico capitalista vigente”.*

ADOLF HITLER

CAPÍTULO VII

Mentindo sobre Hitler: o nazismo é de extrema direita

Toda e qualquer pessoa que já tenha se declarado como “de direita”, e cuja declaração tenha atingido os ouvidos degenerados de um esquerdista, com certeza já ouviu em retorno algum xingamento com a palavra “nazista” no meio. Como já foi explicado no capítulo anterior, para uma pessoa que não possua fatos e argumentos que possam, de forma lógica, justificar sua ideologia – caso de todos os esquerdistas – a ofensa injustificada é a única saída, e não há maior nível de ofensa injustificada do que atribuir a alguém inocente a cumplicidade na morte de mais de vinte milhões de pessoas e a associação ao regime mais repudiado da história do mundo. Isso é o que, na gíria, se chama de “apelar”.

O mais incrível é que o discurso esquerdista a respeito do nazismo é algo que colou muito bem, a ponto da maioria das pessoas acreditar que o nazismo foi fruto da extrema-direita fascista. Essa crença absurda é mais um fruto de nossa mídia esquerdista e de nossas escolas, verdadeiros criadouros de comunistas. O nazismo jamais poderia ser considerado de direita, e nem de extrema-direita, pois para isso precisaria necessariamente ser a favor do liberalismo econômico, do capitalismo e do Estado reduzido, e isso nunca aconteceu. Muito pelo contrário, basta ler o discurso de Hitler de 1º de maio de 1927:

Nós somos socialistas, somos inimigos do sistema econômico capitalista vigente, que explora os economicamente fracos com seus salários injustos, com sua divisão indecorosa dos seres humanos com base em sua riqueza ou pobreza, em vez de sua responsabilidade e performance, e estamos determinados a destruir esse sistema sob quaisquer condições.

Não é necessária nenhuma capacitação especial, tampouco uma elevada formação intelectual para ler o texto acima e compreender a clareza das palavras de Hitler: ele estava determinado a destruir o capitalismo, e assim se intitulava um socialista. E todo socialista é, por definição, de esquerda. Ora, como fomos capazes de deixar que a mídia passasse uma mentira tão mal contada, por tantos anos, e para tanta gente?

Para que não restem dúvidas sobre a clara orientação de esquerda do nazismo, vamos analisar o Programa de 25 Pontos do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, proclamado publicamente pelo próprio Adolf Hitler em 24 de fevereiro de 1920. O conteúdo deste programa é essencialmente esquerdista, semelhante inclusive ao conteúdo programático de diversos partidos brasileiros tais como PT, PSB, PSOL e PCdoB, entre outros:

- *Ponto 13: nós exigimos a nacionalização de todas as indústrias associadas – nacionalização de indústrias é e sempre foi uma bandeira da esquerda, nenhuma dúvida aqui;*
- *Ponto 14: nós exigimos uma divisão nos lucros das indústrias pesadas – divisão compulsória de lucros também é coisa de esquerdista;*
- *Ponto 15: nós exigimos a expansão em larga escala dos benefícios sociais para a*

velhice – benefícios sociais de qualquer tipo, em larga escala, são típicos da ideologia esquerdista, que prega um Estado enorme e “cuidador” do povo;

- *Ponto 25: para a execução de tudo isso nós exigimos a formação de um poder central forte no Reino. Autoridade ilimitada do parlamento central sobre todo o Reino e sobre suas organizações em geral* – Estado forte e centralizado com poder ilimitado é sinônimo de esquerda totalitária.

Fora isso ainda há diversas outras características do nazismo deixam muito claras suas inclinações esquerdistas:

- A política econômica nazista sempre foi Keynesiana, com o uso de programas governamentais para reduzir o desemprego e a administração de déficits gigantescos, coisas que não podem ser associadas de forma alguma à escola Austríaca, esta sim tipicamente de direita;
- O “capitalismo” nazista era controlado pelo governo (muito semelhante ao que a China possui hoje), ao contrário do capitalismo de livre mercado. O governo nazista controlava as corporações, preços e salários, fazendo exatamente o oposto do que pregavam os expoentes intelectuais do capitalismo;
- Enquanto queimavam e massacravam judeus em seus campos de concentração os nazistas se “preocupavam” com o direito dos animais, como mostra a declaração de Hermann Göring, um dos líderes do partido nazista: *“Banir de forma absoluta e permanente a dissecação de animais é não só uma lei necessária para proteger os animais e para mostrar simpatia por sua dor, mas é também uma lei para a humanidade mesma”*. Qualquer semelhança com os movimentos esquerdistas que querem banir testes médicos com animais, mas que defendem políticas contra a vida humana, não é mera coincidência.

Não resta dúvidas de que o nazismo foi um movimento de extrema-esquerda, e como tal contou com o assassinato em massa como instrumento de propagação do medo. Os mais de vinte milhões de mortos assassinados pelo regime nazista somam-se a outras dezenas de milhões de inocentes assassinados em nome da revolução comunista para formar o maior contingente de mortos em toda a história da humanidade. A esquerda é sempre assim: onde chega e toma o poder o pior sempre acontece. O preço que a revolução cobra das populações a ela submetidas é uma quantidade absurda de sangue e sofrimento. Não existe um caso sequer de nação que tenha caminhado em direção ao comunismo e que não tenha pago com muitas vidas.

Aposto que muita gente vai argumentar aqui que nem toda esquerda tem como objetivo o comunismo, e vai tentar se convencer de que existe uma esquerda “legal”. Mas isso será tratado no próximo capítulo. Vamos tirar a pele de cordeiro de cima do lobo e deixá-lo nu e exposto.

*“Sou um anjo da floresta, e estou aqui
para proteger criancinhas como você”.*

LOBO MAU

CAPÍTULO VIII

Mentira de lobo mau: nem toda esquerda quer o comunismo

As redes sociais são hoje um grande local de debate entre gente de esquerda e de direita. Tirando a patrulha petista que sai desembestada, escrevendo idiotices em toda e qualquer postagem contrária aos cânones de sua fé que encontrem pela frente, é muito comum encontrar pessoas que você imaginaria de direita posando de defensores dos fracos e oprimidos e engrossando o caldo da esquerda com seus cérebros farináceos. São empresários, advogados, nutricionistas, engenheiros, fotógrafos, médicos, arquitetos, esportistas e muitos outros profissionais, que dependem do capitalismo de livre mercado para existir, espalhando a mentira de que nem toda esquerda é comunista.

Não é preciso muito esforço para imaginar que nenhum desses defensores da esquerda suportaria viver num regime comunista como o de Cuba, por exemplo, onde seriam desprovidos de todos os seus luxos e também de suas necessidades primárias, como comida e roupa. Mas eles continuam acreditando nesta fantasia, de que é possível conciliar esquerdismo e liberdade, e de que o comunismo morreu quando a União Soviética foi desmantelada.

Se a contestação desta fantasia fosse algo muito difícil de se fazer, se fosse algo que somente pessoas geniais, de QI superior a 140, tivessem à disposição, eu poderia ficar com pena dessas pessoas e dizer algo do tipo: coitadinhos, são enganados porque é muito difícil contestar algo tão bem elaborado. Mas essa não é a realidade. O fato é que uma breve leitura das obras de Marx, disponíveis em uma infinidade de páginas na internet, mostrará que o socialismo é apenas uma etapa para se alcançar o objetivo final, que é o comunismo.

Mas, ainda que a preguiça seja grande demais para procurar por escritos do próprio Marx, restam os *websites* de partidos esquerdistas brasileiros e de organizações que fomentam a peste socialista/comunista, que apresentam material vasto e suficiente para acabar com essa mentira que tanto encanta as pessoas.

Vejamos:

- *“O objetivo superior do socialismo é o comunismo”* – programa do Partido Comunista do Brasil (PCdoB). [\[14 \]](#)
- *“O comunismo concebido pelos marxistas é um sistema social muito mais avançada (sic) do que o socialismo que conhecemos, pois supõe o fim das classes e do Estado. O socialismo, segundo Marx, é um processo mais ou menos longo (dependendo do desenvolvimento da produtividade e da consciência social) de transição para o comunismo, no qual permanecem as classes sociais e a luta entre elas, a lei do valor, a divisão do trabalho, o mercado e outras heranças correlatas”* – artigo de Umberto Martins para o *website Vermelho.org*. [\[15 \]](#)
- *“O SOCIALISMO é um SISTEMA DE GOVERNO que serve como TRANSIÇÃO do capitalismo para o comunismo”* – artigo de Júnior Bonfá para o *website Gatilho da*

Mudança. [\[16 \]](#)

- “*Como uma ideologia política, o comunismo é geralmente considerado como a etapa final do socialismo*” – artigo da Wikipedia. [\[17 \]](#)

Bem, com tantas evidências de que o socialismo nada mais é do que uma etapa para a implantação do comunismo, seria de se esperar que aqueles que estão cegados pelas mentiras esquerdistas se rendessem a essa simples verdade. Seria de se esperar, mas não é o que acontece. Uma vez colocados cara a cara com os fatos incontestáveis, muitos preferem buscar uma explicação alternativa, esquecendo-se de que, estatisticamente, a explicação mais simples é a com maior probabilidade de ser a correta. É então que caem na conversa fiada de outros esquerdistas, que afirmam que o socialismo é sim uma etapa para o comunismo, mas que nós não conhecemos o que é o comunismo verdadeiro porque ele nunca existiu.

Uma estratégia que conte com a mentira como sua principal informação tem que estar sempre preparada para lidar com a possibilidade de ser desmascarada em algum momento. É por isso que a esquerda trabalha com diversos níveis de mentiras, como uma cebola: quando você consegue tirar uma camada, logo em seguida encontra outra, e assim por diante. Mas assim como a cebola, em que a cada camada tirada você encontra mais do mesmo, até que enfim sobre o último pedacinho, que continua sendo cebola, quando descascamos as mentiras da esquerda continuamos obtendo sempre do mesmo: mais mentiras, até que sobre a última mentira, e nada mais.

Para entender melhor a cebola esquerdista de mentiras é preciso saber que existem três tipos de discurso na esquerda hoje, no que se refere ao comunismo. É muito importante ter em mente que, a despeito do discurso público, a convicção pessoal de um esquerdista nunca muda, mas tão somente se camufla em cores diferentes para capturar uma diversidade maior de mentes. É assim que a esquerda consegue se infiltrar em lugares distintos como sindicatos, igrejas, empresas e universidades.

O primeiro discurso, que costuma sair da boca da extrema esquerda, é de admiração clara pelo comunismo e do desejo incontestado de implementá-lo no Brasil. A extrema esquerda, que vou chamar aqui de *comunistas de carteirinha*, não só admite que os milhões de mortos dos regimes comunistas foram necessários, como acredita que, caso seja preciso, um outro tanto deverá ser sacrificado para que a revolução seja concretizada. São geralmente belicosos e violentos, tanto nas palavras como nos atos. Basta olhar para as invasões e depredações que o MST faz no campo brasileiro para se ter uma idéia de como essas pessoas se comportariam num ambiente em que estivessem no poder.

O segundo discurso, muito comum entre a classe média esquerdista e entre os políticos da esquerda moderada, que eu vou chamar de *esquerda caviar*, emprestando o termo cunhado pelo Rodrigo Constantino, [\[18 \]](#) é o que acabamos de ver no começo do capítulo. Buscando dissociar o socialismo do comunismo, tentam dar ao esquerdismo um ar mais intelectual e uma aura de sofisticação, nem que para isso tenham que conviver constantemente com a incoerência de apoiar um sistema dito igualitário enquanto vivem uma vida de luxos graças somente ao capitalismo de mercado.

O terceiro discurso, cada vez mais comum entre intelectuais e professores esquerdistas, que eu vou chamar aqui de *esquerda cínica*, é o que afirma que o comunismo que o mundo viu no século XX não era comunismo, e que nem o socialismo foi sequer alcançado. Na verdade tudo o que aconteceu se resume a capitalistas de Estado que se camuflaram como comunistas, maculando a perfeição da doutrina marxista, que ainda será alcançada, quando os comunistas verdadeiros tomarem o poder. O próximo capítulo deste livro existe para combater esse cinismo sem fim, e desmascarar mais uma mentira.

[14](http://www.pcdob.org.br/texto.php?id_texto_fixo=6) Disponível em: www.pcdob.org.br/texto.php?id_texto_fixo=6.

[15](http://www.vermelho.org.br/coluna.php?id_coluna=35&id_coluna_texto=4616) Disponível em: www.vermelho.org.br/coluna.php?id_coluna=35&id_coluna_texto=4616.

[16](http://www.gatilhodamudanca.org/2013/01/diferenca-entre-socialismo-comunismo-e.html) Disponível em: www.gatilhodamudanca.org/2013/01/diferenca-entre-socialismo-comunismo-e.html.

[17](http://pt.wikipedia.org/wiki/Comunismo) Disponível em: pt.wikipedia.org/wiki/Comunismo.

[18](#) O termo em questão dá título a uma das obras de Constantino, *Esquerda caviar*. Para mais informações, consulte a *Bibliografia Básica*, no final do livro.

*“Precisamos odiar. O ódio é a base do comunismo.
As crianças devem ser ensinadas a odiar
seus pais se eles não são comunistas”.*

V. I. LÊNIN

CAPÍTULO IX

Cínicos mentirosos: o comunismo ainda não existiu na Terra

Karl Marx, juntamente com Friedrich Engels, publicou o Manifesto Comunista no ano de 1848, obra que teria uma influência gigantesca e macabra nas décadas que se seguiriam. Mas foi nas mãos de Lênin, o líder da revolução que derrubou o governo do czar Nicolau II e culminou com a tomada de poder pelo Partido Bolchevique, que se deu a implantação de um governo socialista na Rússia. Esse foi o primeiro passo para a aplicação prática das doutrinas marxistas em larga escala, e foi seguido com diversas novas conquistas da esquerda comunista:

- 1945 – a ocupação soviética na Coréia do Norte, que levou a um governo totalitário comunista, o qual perdura até os dias de hoje;
- 1949 – a proclamação da República Popular da China, controlada pelo Partido Comunista Chinês, sob a liderança de Mao Tsé-Tung;
- 1959 – a tomada do poder em Cuba por Fidel Castro e a decorrente implantação do governo comunista cubano;
- 1975 – a vitória dos comunistas na Guerra do Vietnã, dando origem à República Socialista do Vietnã;
- 1975 – a chegada ao poder do movimento comunista Pathet Lao, transformando o Laos em uma república socialista de partido único.

Em todos esses lugares onde o socialismo/comunismo foi implantado, o que se seguiu pode ser entendido hoje como a mais eficiente máquina assassina que o mundo, em toda a sua história, já viu. As mortes decorrentes do comunismo incluem genocídios, guerras civis, fome e eliminação sistemática de dissidentes do sistema, e ultrapassam o número assustador de cem milhões. Se somarmos também as mortes do nazismo, que já provamos ser um flagelo esquerdista no *Capítulo VII*, a conta chega a CENTO E VINTE MILHÕES DE MORTOS por conta da esquerda.

Mas o que dizem os intelectuais da *esquerda cinica* sobre essa conta macabra, que dá ao esquerdismo o primeiro lugar na conta de mortos da história humana, deixando para trás todas as guerras anteriores, todos os cataclismos e todas as pestes?

Ora, para não manchar a doutrina que tanto lhes é sagrada os historiadores, sociólogos e filósofos de esquerda gostam de aplicar uma mentirinha básica, a de que

esses países (as nações chamadas de comunistas) tornaram-se ditaduras, promovendo perseguições contra dissidentes. A sociedade comunista, justa e harmônica, concebida por Marx, não foi alcançada. [\[19\]](#)

Veja como funciona a cabeça de um esquerdista: Marx criou uma teoria perfeita, que só deu um pouquinho errado quando tentaram colocar na prática. Foi mal pelos cento e vinte milhões de mortos... Quem está pronto para tentar de novo?

A argumentação de que o comunismo nunca existiu é para eles a desculpa perfeita para

continuar tentando, e com isso continuar assassinando pessoas, até que um dia finalmente se consiga chegar ao mundo perfeito de Marx. Infelizmente, conhecendo a sede de poder do homem e sua capacidade inerente de praticar o mal, é muito fácil e lógico concluir que esse mundo perfeito jamais chegará, jamais será real. A cada nova tentativa de criar a utopia marxista mais pessoas sofrem e mais o mundo se torna um lugar pior de se viver. Está acontecendo hoje, na Venezuela, recém-chegada àquela lista de países com governos de inspiração marxista do começo do capítulo. E o que está acontecendo por lá? As pessoas estão sofrendo, sem comida, sem itens de higiene, sem poder se manifestar, sem liberdade, acudadas por um governo totalitário que realiza prisões arbitrárias e despeja diariamente suas mentiras através de um sistema de mídia controlado e manipulado. E o futuro próximo dos venezuelanos inclui o fim da liberdade de locomoção, nos moldes do que já acontece em Cuba. Ou seja, além de sofrer, as pessoas também são privadas de tentar abandonar o sofrimento.

Para mim não existe uma descrição melhor de inferno do que um lugar onde você sofre e não pode ir embora, jamais. E isso resume a grande herança do esquerdismo para o homem: o inferno na Terra.

O estudo das conseqüências terríveis que os regimes de esquerda causam às pessoas a eles submetidas deve ser algo que motive cada um a disseminar conhecimento e a desmascarar a esquerda, como um real e verdadeiro ato de amor ao próximo. O silêncio da direita pavimentou o caminho para a ascensão dos assassinos da esquerda, na medida em que permite a ocupação quase completa de todos os espaços de influência por agentes muito bem treinados para manipular e dominar as populações de desinformados, as massas que legitimam seus algozes com seu voto. Mas não só a direita que se cala é culpada, mas também a *esquerda caviar*, que gosta de posar de justa e boazinha, que se diz preocupada com os pobres e oprimidos. Veremos que isso não passa de mais uma mentira, e para cada mentira temos um capítulo.

19 Cristina Meneguello, historiadora da UNICAMP – disponível em:
<http://www.mundoestranho.abril.com.br/materia/qual-a-diferenca-entre-comunismo-e-socialismo-existiu-um-pais-realmente-comunista>.

“Qualquer indivíduo é mais importante do que a Via Láctea”.

NELSON RODRIGUES

CAPÍTULO X

A mentira do bonzinho: o esquerdista se preocupa com os pobres e oprimidos

Há uma pequena história que diz que um menino, muito bonzinho e humilde, ganhou uma medalha em sua escola, que dizia: “Ao menino mais humilde de todos”. No dia seguinte colocou a medalha no peito e foi feliz para a escola. Chegando lá a medalha lhe foi tirada imediatamente. Moral: quem se orgulha de sua humildade já deixou de ser humilde, ou nunca foi.

A *esquerda caviar* é assim, gosta de usar a medalha de “esquerdista mais bonzinho de todos”, e para justificar sua linda medalha acreditam que são os defensores de todos aqueles que não têm como se defender sozinhos. Ocorre que a premissa implícita nisso é de que algumas pessoas não são suficientemente “pessoas” para viver, e precisam de outras, essas sim “pessoas” de sobra, que precisam ajudá-las em sua incapacidade. Ou seja, o esquerdista bonzinho, para ser bonzinho tem que primeiramente ser um discriminador, alguém que acredita na inferioridade do outro, na hipo-suficiência dos pobres e oprimidos.

- O esquerdista é racista porque, ao defender um sistema de cotas para vagas em universidades e cargos públicos, está dizendo implicitamente que afro-descendentes são inferiores intelectualmente;
- O esquerdista é machista porque, ao defender cotas parlamentares e direitos especiais, está dizendo implicitamente que as mulheres são inferiores intelectualmente e emocionalmente aos homens;
- O esquerdista é homofóbico porque, ao defender direitos especiais e leis super-protetoras, como se estivesse lidando com crianças desamparadas, está dizendo implicitamente que os homossexuais são inferiores aos heterossexuais;
- O esquerdista é elitista porque, ao defender bolsas e auxílios governamentais de todos os tipos, como se estivesse lidando com pessoas incapazes de se sustentarem, está dizendo implicitamente que os pobres são inferiores intelectualmente e incapazes de trabalhar;
- O esquerdista é indiofóbico porque, ao defender o total isolamento destas populações, deixando-as separadas e longe de todos os benefícios que poderiam ter com a interação social, está dizendo implicitamente que os índios não são bem-vindos à sociedade brasileira.

Enfim, tudo o que é publicado pela esquerda com tom de proteção e preocupação com as minorias é na verdade uma tática muito simples, conhecida há milênios, do “dividir para conquistar”. Ao pregar a divisão da sociedade em pequenos grupos, sejam eles raciais, sexuais, religiosos ou sociais, a esquerda enfraquece cada vez mais o conceito de nação, de pertencer a algo maior, para criar um grande Estado composto por minorias que se odeiam mutuamente, o que resulta sempre em guerra, morte e caos, e é sobre o caos que se constrói um governo totalitário.

Esse comportamento, quando vem das lideranças esquerdistas, daqueles que conhecem muito

bem as técnicas de engenharia e manipulação social, é previsível e inevitável, pois a essas lideranças só interessa a tomada do poder e a concretização de seus planos. Mas quando vem de pessoas comuns, gente que não está envolvida diretamente em movimentos políticos, é algo mais difícil de se explicar, e talvez tenha a ver com a necessidade que alguns humanos têm de construir sua auto-estima com noções deturpadas de superioridade de caráter, algo como se achar superior tão somente por pensar que está a defender o seu próximo oprimido, quando na verdade não tem caridade para tirar uma moeda do bolso e dar ao que lhe pede no semáforo.

Eis a real face do esquerdista: ele é tão “preocupado” com os pobres e oprimidos que prefere que as esmolas venham diretamente do Estado, das bolsas-isso e bolsas-aquilo, e posa, do alto de sua empáfia, como alguém bondoso e caridoso. E ignora que esse mesmo Estado consome uma parte tão grande dos seus recursos para se custear e para sustentar uma infinidade de aproveitadores, que os ditos pobres e oprimidos são os que mais pagam por isso, e no final das contas em vez de serem beneficiados são na verdade explorados, de todas as formas. Quem explora o pobre não é o empresário, para o qual quanto mais mercado consumidor melhor, e sim o Estado, para o qual quanto mais miséria e ignorância melhor.

Em uma economia capitalista de mercado, geradora de riquezas, como a dos Estados Unidos, um único empresário bilionário é capaz de despejar mais riqueza em forma de caridade do que um governo inteiro brasileiro. Basta olhar os números: Bill Gates, fundador da Microsoft, doou sozinho mais de cinquenta bilhões de dólares, o suficiente para sustentar o Programa Bolsa-Família brasileiro por cinco anos. E não só isso: ele também é responsável pela *The Giving Pledge*, organização com cerca de setenta multimilionários que se comprometem a doar em vida metade de suas fortunas para filantropia. Vale sempre lembrar que o dinheiro doado pelo Bill Gates não foi conseguido através de impostos, e sim da venda de seus produtos e serviços, que foram consumidos por quem queria e podia pagar. Já o dinheiro do Estado vem sempre da apropriação compulsória dos recursos das pessoas, sendo que as mais pobres são as que mais pagam.

Mas a falsa bondade dos esquerdistas não fica só na defesa dos pobres e oprimidos, mas também chega ao absurdo de tratar bandidos como vítimas da sociedade. Essa mentira é nosso próximo alvo.

*“A natureza fez o homem feliz e bom,
mas a sociedade deprava-o e torna-o miserável.”.*

JEAN-JACQUES ROUSSEAU

CAPÍTULO XI

Mentira que ninguém mais agüenta: bandido é vítima da sociedade

Engana-se quem acha que no Brasil ainda não acontecem os assassinatos em massa tão característicos dos regimes de esquerda. Com *cinquenta mil mortes por ano* decorrentes do crime não combatido, o Brasil é hoje um dos países mais violentos do mundo. Só para efeito de comparação, o conflito entre Israel e os palestinos ocasionou a morte de menos de *dez mil pessoas em quinze anos*, e a guerra do Iraque teve um total estimado de *cento e dez mil mortes em cinco anos*. É fácil perceber que morrer assassinado no Brasil é muito mais provável do que morrer numa guerra no Oriente Médio.

A impunidade e o tratamento leniente que o Estado brasileiro dá ao criminoso são frutos de leis frouxas que beneficiam os bandidos e permitem incontáveis apelações e recursos judiciais, de órgãos de defesa de direitos humanos que se colocam ao lado dos criminosos, tornando-os em vítimas da sociedade, e de um aparelhamento sem precedentes da máquina governamental. Tudo feito em cima das teorias mais canalhas que o homem foi capaz de criar, com destaque para Jean-Jacques Rousseau, provavelmente rejeitado no inferno por medo, do diabo, da concorrência que teria, um dos grandes responsáveis por essa idiotice de “bandido não tem culpa de ser bandido, é a sociedade que o corrompe”. Mas como uma idéia dessas, tão avessa ao senso comum e à percepção da realidade, chegou ao ponto de ser tomada como séria pelas pessoas?

Jean-Jacques Rousseau, nascido em 1712 na França, foi um filósofo que criou muitos dos conceitos que serviram e servem à esquerda, e que tornam a vida dos brasileiros, muitas vezes, uma experiência amarga. É graças a esse senhor e sua mente diabolicamente deturpada, que a demonização da propriedade privada entrou no mundo. Ao argumentar que a propriedade privada estava no centro das desigualdades, dos assassinatos e das guerras, e que o homem, ao contrário do que outros filósofos conservadores afirmavam, é um ser de moral incorrupta em seu estado natural, Rousseau deu origem ao pensamento esquerdista de que a sociedade é a grande corruptora da humanidade, e que uma sociedade sem desigualdades permitiria aos homens se desenvolverem em sua plenitude incorrupta, algo como um paraíso na Terra.

Para chegar a essa conclusão o “grande filósofo” se baseou em observações pontuais de tribos indígenas, tomando o cuidado de observar apenas as tribos que não praticavam canibalismo, infanticídio, assassinato e estupro como algo normal. O bom selvagem de Rousseau foi a mentira inicial do grande engodo que é o esquerdismo. Seus ensinamentos estão entre os que mais mal causaram à humanidade justamente por negarem a natureza mesquinha e carente de virtude do homem natural, elevando-o a um patamar divino e eliminando aquela necessidade íntima que cada um tem de realizar seu auto-exame diário, o momento mesmo em que a pessoa se encontra face a face com seu eu mais corrupto, e pode então tomar uma ação voluntária e consciente em direção à busca da virtude e das boas ações. Qualquer um que acredite e assuma que é naturalmente virtuoso e que são as circunstâncias que o corrompem estará pronto a cometer todo tipo de delito contra essas circunstâncias, dado que já não há alguém mais virtuoso, nenhuma referência maior a ser invocada em julgamento e, por conseqüência, nenhuma possibilidade de condenação de atos, pois os mesmos foram cometidos visando à destruição da própria estrutura

causadora dos males. Todo crime é justificável quando se acredita na virtude inerente do homem.

Fica fácil entender a tranqüilidade com que os esquerdistas assumem os assassinatos realizados sob os regimes comunistas, já que os mesmos são encarados apenas como a destruição de um sistema maligno, e sem uma referência divina para a vida humana, assassinar uma pessoa equipara-se a pisar em uma formiga. Se nenhuma vida é sagrada, e só o que importa é a revolução, então tudo é permitido, sem exceções.

Se você é uma pessoa que busca viver uma vida justa, fazer o bem e ajudar mais do que atrapalhar, com certeza já se indignou com algumas notícias veiculadas na mídia brasileira. Especificamente com aquelas em que um inocente é assassinado e depois o criminoso é tratado como se fosse um pobre coitado, ou então liberado em poucos dias somente porque iria completar dezoito anos em breve, mas como menor de idade não poderá ir a julgamento, pois nossas leis protegem essas “crianças inocentes”. No meio da indignação você pensava em como alguém consegue se colocar na defesa dos bandidos e criminosos e contra as pessoas de bem, quando toda a lógica diz que criminosos devem ser punidos, e pessoas de bem devem ter liberdade para viver sem medo desses psicopatas. Pois bem, se você não tinha idéia de onde vinha todo esse pensamento tacanho, agora já sabe: vem do senhor Rousseau. E o conhecimento da origem e da fundamentação dessa mentira é essencial para desmascarar um esquerdista quando o mesmo invocar qualquer dessas coisas em público.

Algo muito interessante, um subproduto do esquerdismo bastante comum no Brasil, são os chamados cristãos esquerdistas, que costumam tomar a frente na defesa dos direitos humanos de criminosos. Esse grupo de falsários religiosos insiste em tentar unir uma ideologia que exclui totalmente a divindade com uma doutrina baseada na mesma. Essa mentira, o cristianismo socialista, será a próxima em nossa lista.

*“O socialista que é um cristão deve ser
mais temido do que o socialista que é um ateu”.*

FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

CAPÍTULO XII

Nem o diabo acredita nesta mentira: sou um cristão socialista

O socialismo, como o já vimos em capítulos anteriores, veio ao mundo através de Karl Marx, concebido como a etapa necessária à implantação do comunismo. E foi Karl Marx quem disse que *“a religião é o suspiro da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração e a alma de uma época desalmada. A religião é o ópio do povo”*.

Ademais, toda a formação ideológica da esquerda parte do pressuposto de que o homem natural não é um ser corrompido, e por isso é capaz não só de imaginar uma sociedade justa, como também de colocá-la em prática, através do comunismo.

Por outro lado, o cristianismo baseia-se justamente no fato de que a corrupção do ser humano e sua incapacidade de auto-justificação requerem uma solução que venha de fora, ou seja, da atuação direta de um agente divino, no caso o sacrifício do próprio filho de Deus, inocente, em prol de uma humanidade culpada.

Fica clara a exclusão mútua que essas duas linhas de pensamento representam: um socialista ou comunista jamais poderá ser um cristão, e um cristão jamais poderá ser um socialista ou comunista. É por isso que nem o diabo, intitulado na Bíblia cristã como o “pai da mentira”, acredita quando alguém se declara um cristão socialista. Como sempre acontece com a esquerda, existem os que se declaram assim com total consciência da mentira que estão falando, e há também os “idiotas úteis” que Lênin considera imprescindíveis na implantação do comunismo, e que continuam frequentando suas igrejas e acreditando que é possível conciliar o cristianismo com o socialismo.

O cristianismo no Brasil sempre foi uma força de grande influência, e a Igreja Católica formou, juntamente com as Forças Armadas e o empresariado, a peça de resistência que impediu que o Brasil fosse tomado pelos comunistas em 1964. A contra-revolução, erroneamente chamada de golpe militar, garantiu aos brasileiros o livramento das mãos de um movimento que pretendia transformar o país em uma república socialista nos moldes de Cuba, plano que jamais foi abandonado e que hoje se encontra em um estágio muito mais próximo da realização do que em qualquer outra época. Mas falaremos da contra-revolução no próximo capítulo, dado que é uma das maiores mentiras que já foram contadas e perpetradas como verdade em toda a nossa história.

Voltando à Igreja Católica, após o início do período de governo militar, surge na igreja brasileira uma corrente “marxista-cristã” chamada Teologia da Libertação, com expoentes como Leonardo Boff e Hugo Assman. Se o cristianismo foi sempre uma importante base de resistência a todas as ideologias esquerdistas, a Teologia da Libertação foi a arma usada para destruir essa base desde dentro, preparando terreno para toda a revolução cultural marxista-gramsciana que viria em seguida.

É claro que alguns poucos teólogos, sozinhos, não mudariam a orientação de uma instituição do tamanho da Igreja Católica. A Teologia da Libertação contou com total apoio da ala esquerdista

da CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, entidade que não faz parte da hierarquia da Igreja Católica, não fala oficialmente em nome da Igreja, mas que possui grande influência sobre a mesma no Brasil. Aliás, o fato de quase ninguém saber que a CNBB não é órgão oficial da Igreja Católica resulta diretamente da manipulação promovida pela mídia brasileira, que procura sempre mostrar a CNBB como órgão máximo da Igreja Católica brasileira, quando não passa de um ajuntamento de bispos, cuja cúpula é formada por esquerdistas, sem nenhuma representatividade real perante a Igreja de Roma. Enfim, foi através da CNBB que o marxismo se infiltrou no catolicismo, tornando o Brasil um caso muito peculiar entre todos os países majoritariamente católicos: não há em outro lugar do mundo mais católicos esquerdistas do que aqui. Enfim, impregnar uma das estruturas sociais de maior influência que tínhamos com o vermelho do comunismo foi um golpe muito bem aplicado na resistência democrática conservadora de direita.

Enfim, todo esquerdista estrategista, participante da causa revolucionária, sabe que a substituição da adoração ao divino pela adoração ao partido é essencial para os planos comunistas, pois na sociedade idealizada por Marx não há religião e nem Deus, há somente o povo e o partido, este ocupando na vida de cada um o papel que caberia à figura divina, através do Estado Todo-Poderoso. Assim, o Estado é o cuidador, a família, o juiz, o provedor, o médico, o defensor etc. Destruir a religião, que no ocidente é majoritariamente cristã, é portanto essencial aos planos da esquerda.

O cristão que se diz socialista e que defende a esquerda trabalha em favor do maior inimigo de sua fé, servindo como um agente corruptor interno, na maioria das vezes sem ter idéia do trabalho sujo do qual está sendo cúmplice e, como tal, co-responsável pela degradação moral decorrente da esquerdização da Igreja. Se soubesse – e se estiver lendo este livro passará a saber agora – do nível de planejamento estratégico que a esquerda dispense com o objetivo de solapar o cristianismo, jamais, em todo o restante de sua vida, diria que é socialista, que apoia a esquerda ou que nutre qualquer tipo de simpatia por essas ideologias.

Para se ter uma idéia do peso com que os esquerdistas consideram a religião, Antonio Gramsci, um dos mais influentes pensadores da esquerda, e criador dos métodos de subversão cultural tão utilizados pela esquerda, dizia que o governo e a sociedade se perpetuam através das igrejas, porque elas estabelecem padrões que moldam as vidas das pessoas, suas regras e o modo de estruturação das famílias. Preste atenção nisso: quem está admitindo a importância das igrejas é um dos pensadores esquerdistas mais seguidos e reverenciados de todos os tempos, e sua constatação nunca foi com intenções de preservação, mas sim para se utilizar das igrejas em favor da causa revolucionária, num plano de mudança da sociedade a longo prazo, e que também envolve as instituições de ensino e a mídia. Assim, dominando a igreja, que tem papel fundamental na formação moral do indivíduo, a escola, com a formação intelectual, e a mídia, a esquerda conseguiu, ao longo das últimas quatro décadas, conduzir a sociedade brasileira para a direção exata que planejou. E o planejamento é tão diluído no tempo que acaba escapando aos olhos das pessoas, as quais aceitam as mais profundas mudanças nos padrões morais e culturais como sendo mero acaso da história.

Para que você, leitor, não ache que esse planejamento do qual estou falando é apenas uma

teoria da conspiração ou uma mera invenção, gostaria de elencar abaixo alguns pontos extraídos do livro *O Comunista Nu*, de Cleon Skousen, ex-agente do FBI que se infiltrou em grupos comunistas na década de 1950 para depois descrever os conteúdos das reuniões estratégicas. Esses pontos são parte de uma lista de quarenta e cinco metas documentadas que os maiores estrategistas dos partidos comunistas de todo mundo usaram para direcionar sua agenda de destruição da sociedade ocidental judaico-cristã:

- **Meta 17:** controlar as escolas, usá-las como centro transmissor para o socialismo, amolecendo o currículo de ensino e ganhando o controle das associações de professores;
- **Metas 20 e 21:** infiltrar a imprensa e ganhar controle das posições principais no rádio, na televisão e nas produtoras de cinema;
- **Meta 25:** quebrar os padrões culturais de moralidade através da promoção da pornografia em livros, revistas, filmes e televisão;
- **Meta 26:** apresentar a homossexualidade, a degeneração e a promiscuidade como “normal, natural, saudável”;
- **Meta 27:** infiltrar as igrejas e substituir a religião revelada pela religião “social”, desacreditando a Bíblia;
- **Meta 40:** desacreditar a família como instituição, encorajando a promiscuidade e facilitando o divórcio.

Essas metas, reveladas em 1958, têm sido a base para toda a ação militante da esquerda, e podem ser facilmente reconhecidas nas agendas de políticos ligados ao Foro de São Paulo e a diversos partidos de semelhante orientação. Apoiar a esquerda e suas iniciativas é o mesmo que endossar cada uma dessas metas. Apoiar a esquerda é sabotar a sociedade.

Resumindo, declarar-se cristão socialista equivale a declarar-se um pacifista assassino, ou um vegetariano carnívoro, ou ainda um palmeirense corintiano. O verdadeiro cristão, que conhece os ensinamentos de seu mestre e a história de sua fé, não admite a esquerda como ideologia compatível com seus princípios. Se a admite, é por mau-caratismo ou por ignorância. No primeiro caso a fé não vai lhe ajudar em nada mesmo; já no segundo há a esperança de mudança através da disseminação da verdade. Para o leitor que conhece algum “cristão-socialista” fica a dica: para o próximo aniversário, dia dos pais, natal ou qualquer outra data comemorativa, presenteie seu conhecido com um exemplar deste livro.

*“Ressurge a democracia”
O Globo, 2 de abril de 1964*

CAPÍTULO XIII

A mentira mais contada de todas: o golpe militar de 1964

Não existe uma história mais fictícia, e ao mesmo tempo mais oficialmente ensinada, do que a descrição do chamado golpe militar de 1964 e da ditadura que o sucedeu. Para o brasileiro bem informado, ler os livros de história do Brasil usados nas escolas, e que adestram o pensamento dos estudantes brasileiros, equivale a ler qualquer um dos livros de ficção presentes na lista dos mais vendidos de qualquer revista semanal brasileira. A distância entre o que dizem esses livros e o que realmente aconteceu é tão grande que, por si só, já é prova da desonestidade intelectual que tomou conta da produção do conteúdo didático das escolas brasileiras, públicas e privadas. Mas uma característica interessante das mentiras é que elas sempre deixam um rastro, e em eventos do porte de 1964, é impossível esconder totalmente a verdade. Ela está disponível, ainda que com menos facilidade, para quem quiser desvendá-la.

O Brasil de 1964 era um país de brasileiros com medo. Aliás, não só os brasileiros, mas o resto do mundo respirava com cuidado, pois ainda eram frescas as memórias de outubro de 1962, da crise dos mísseis de Cuba. Talvez este tenha sido o momento de maior tensão da história do mundo, em que era muito fácil imaginar que não haveria amanhã para mais ninguém na Terra. [20] além das baratas, é claro. A Guerra Fria entre Estados Unidos e União Soviética, juntamente com o temor da influência comunista em todo o continente americano, fazia dos brasileiros um povo temeroso por seu futuro, e não sem razão, pois a esquerda comunista estava organizada e pronta para iniciar uma revolução nos moldes cubanos. Só para refrescar a memória do leitor, o presidente do Brasil era João Goulart, também conhecido como Jango, político de vínculos com o Partido Comunista Brasileiro (PCB – hoje PPS) e com o Partido Socialista Brasileiro (PSB), e que deu vazão a programas da esquerda como o de reforma agrária baseada na “função social da propriedade”, reforma educacional baseada nos métodos de Paulo Freire, reforma fiscal com aumento de impostos para financiar o aumento do Estado e reforma eleitoral para legalizar o PCB. Jango também apoiava uma rebelião esquerdista nas Forças Armadas brasileiras e tinha ligações com Luís Carlos Prestes, que nesta época fazia a ligação estratégica entre o PCB e o comando comunista soviético.

Do outro lado os governadores de São Paulo e da Guanabara, Adhemar de Barros e Carlos Lacerda, se preparavam militarmente para rechaçar em seus estados qualquer tentativa de golpe comunista, contando com uma força estimada em trinta mil homens armados. Um verdadeiro convite à guerra civil.

No meio deste cenário de incertezas, de possibilidades de conflito armado com derramamento de sangue e de medo da população surgiu a solução menos antevista de todas, uma operação militar extremamente bem-sucedida que, na noite de 31 de março e madrugada de 1º de abril, bloqueou as ruas das principais cidades brasileiras e instaurou um novo governo no Brasil. Os comunistas fugiram como baratas, buscando refúgios em esconderijos e embaixadas de países simpáticos a suas ideologias, a extrema direita também foi neutralizada pelos militares, e um país inteiro foi livrado da guerra civil e de uma provável ditadura comunista com nenhuma morte sequer. Pois é essa operação militar que é erroneamente ensinada nas aulas de história como o

“golpe militar de 1964”. Eu prefiro chamá-la de “a contra-revolução de 1964”, a incursão militar menos sangrenta da história da humanidade.

Mas o novo regime acabou por se transmutar em uma ditadura militar. O recrudescimento desta ditadura aconteceu de forma gradual, em face da intensificação de ações terroristas dos grupos armados de esquerda que se desenvolveram clandestinamente. Estes grupos utilizavam-se de táticas criminosas de guerrilha que incluíam bombas, seqüestros, assassinatos, assaltos e diversas outras modalidades aprimoradas pelo intercâmbio comunista com Cuba, China e União Soviética. Um dos mentores e talvez um dos maiores criminosos da esquerda brasileira foi Carlos Marighella, fundador do grupo armado Ação Libertadora Nacional (ALN), responsável juntamente com o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) pelo seqüestro do embaixador norte-americano Charles Elbrick Marighella chegou a ser considerado o inimigo número um do regime militar. Um fato recente a respeito deste terrorista, e que diz muito sobre o tipo de governo que se instalou no Brasil de hoje, foi a anistia *post mortem* conferida a Marighella pelo ministro da justiça José Eduardo Cardozo, através da portaria número 2.780 de oito de novembro de 2012. O governo petista, que deu refúgio a um criminoso italiano, Cesare Battisti, concedeu essa anistia com a intenção clara de consolidar a mentira do golpe militar, colocando os terroristas como vítimas e os militares como criminosos. Mas enfim, voltemos ao assunto principal. Esse desencadeamento histórico levou a um evento bastante importante e conhecido de muitos brasileiros, o Ato Institucional nº 5, o temido AI-5, baixado em dezembro de 1968, portanto quase cinco anos após a contra-revolução. O AI-5 concedia poderes especiais ao Presidente da República, como dar recesso às câmaras representativas do poder legislativo em todas as suas esferas, intervir nos estados e municípios, suspender os direitos políticos de qualquer cidadão por até dez anos e cassar mandatos de deputados federais, estaduais e vereadores. Além disso proibia manifestações populares de caráter político, instituiu a censura prévia para músicas, espetáculos teatrais, jornais, livros, revistas e programas de televisão, e suspendia o direito de *habeas corpus*. Foi somente após o AI-5 que o regime militar pôde ser chamado de ditadura, e ainda assim uma ditadura relativamente branda, se comparada a tantas outras da mesma época, ou mesmo de outras. A quantidade de opositores mortos na ditadura brasileira não chegou a quatrocentos, num Brasil com mais de cem milhões de habitantes. Já em Cuba, na época com pouco mais de cinco milhões de habitantes, o número de mortos pelo regime castrista atingiu a marca de dezessete mil, ou seja, proporcionalmente mais de mil vezes maior que o caso brasileiro. Essa mesma comparação pode ser feita utilizando-se o número de prisioneiros políticos, que não passaram de dois mil no Brasil, e chegaram ao número absurdo de cem mil nas cadeias cubanas. Se tomarmos como comparativo a ditadura chilena, a nossa continuará parecendo branda, pois o regime de Pinochet registrou pouco mais de três mil mortes para uma população menor que dez milhões de habitantes, ou seja, proporcionalmente cem vezes maior que o nosso número.

Os trezentos e poucos mortos pela ditadura brasileira sequer são páreo para o número de pessoas assassinadas pelo crime organizado durante os dez anos de governo do PT, partido fundador e membro do Foro de São Paulo, que possui conexões inegáveis com as Farc. [\[21 \]](#) As Farc, por sua vez, trabalham em conjunto com uma organização criminosa muito conhecida dos brasileiros, o PCC – Primeiro Comando da Capital – [\[22 \]](#) que tem em sua lista de vítimas

jornalistas, promotores, policiais, juízes e políticos, cujas mortes continuam sem solução e sem condenados. Para essas vítimas não há o reconhecimento do Estado, e suas famílias não receberam indenizações milionárias. Aliás, enquanto muitos dos mortos da ditadura foram guerrilheiros e criminosos, os mortos da década perdida petista eram em sua maioria pessoas que lutavam justamente contra as facções criminosas que agem em território brasileiro.

Todos esses números e a história real mostram como a ditadura brasileira foi capaz de lidar da forma menos violenta possível com uma situação potencialmente calamitosa para o país. E no entanto, nos livros didáticos, nos jornais, nas revistas e na televisão não há outra versão da história senão a de que o Brasil teve uma ditadura sanguinária e violenta. A dissociação entre a historiografia oficial e a realidade é tamanha que a indagação a qualquer sexagenário, que viveu o auge dos acontecimentos da década de 60 já em idade adulta, sobre esse período, é comumente respondida com afirmações de aprovação e respeito pelo governo militar, um respeito que ecoa até os dias atuais com diversos movimentos a favor de uma nova intervenção militar para conter a nova ameaça comunista que nos cerca.

Enfim, tal foi a brandura da ditadura militar brasileira, que permitiu à esquerda que ocupasse os mais importantes postos relacionados à educação e à mídia, dando a essa mesma esquerda que os demoniza a tranqüilidade que precisavam para subverter a história oficial e estabelecer um quartel-general gramscista em cada redação, em cada escola pública e em cada universidade do Brasil. A censura da época, descrita de forma tão exagerada pela mídia esquerdista, era tão frouxa que permitia que artistas de esquerda criticassem abertamente o sistema em suas obras, enquanto que hoje a censura promovida pelo patrulhamento petista, [23] patrocinado com dinheiro público, torna a vida de blogueiros, jornalistas e professores de direita muito mais difícil do que a de seus correspondentes esquerdistas de três décadas atrás.

Aliás, isso nos leva a mais uma mentira a ser desmascarada, a de que a mídia brasileira é de direita.

20 Para uma breve explicação sobre este momento histórico, ver o artigo em <http://www.defesanet.com.br/ecos/noticia/8150/Crise-dos-misseis-de-Cuba---Quando-o-mundo-esteve-na-beira-da-guerra-nuclear/>.

21 Sobre a conexão entre o Foro de São Paulo e as Farc, veja este artigo de João Bosco Rabello, em <http://blogs.estadao.com.br/joao-bosco/pt-e-farcs-uma-antiga-relacao-ideologica-que-encontrou-abrigo-no-governo-brasileiro/>.

22 Sobre a conexão entre as Farc e o PCC, veja a entrevista do juiz federal Odilon de Oliveira, jurado de morte após condenar 114 narcotraficantes, disponível em <http://prosaepolitica.com.br/2010/07/19/juiz-federal-odilon-de-oliveira-ja-falava-das-ligacoes-farc-pcc/#.UthbdWRDskc>.

23 Veja artigo de Reinaldo Azevedo sobre a MAV (Mobilização em Ambientes Virtuais) petista e suas formas de financiamento e ação: <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/cuidado-ha-sempre-um-petista-na-rede-tentando-molesta-lo-ou-como-o-pt-solapa-a-liberdade-na-internet-para-agredir-os-individuos-livres-a-imprensa-e-a-oposicao-e-a-sa-nazista-do-mundo-virtual/>

*“Imprensa é oposição. O resto é
armazém de secos e molhados”.*

MILLÔR FERNANDES

CAPÍTULO XIV

Auto-engano ou mentira proposital: a mídia é direitista

Para entender a situação da mídia brasileira da atualidade é preciso retornar ao período da ditadura militar, objeto do nosso capítulo anterior, e destacar um nome importante à nossa análise, o do General Golbery do Couto e Silva.

O General Golbery foi um dos militares que não concordavam com os métodos mais duros no tratamento com a ação revolucionária, por menos duros que estes fossem, conforme já vimos no capítulo anterior. Mas ele não só não concordava, como também teorizou a respeito do assunto, com sua analogia da panela de pressão. Golbery dizia que a repressão aos comunistas funcionava como esse artefato tão comum nas cozinhas brasileiras, que exige a presença de uma válvula de escape, para que a pressão não acabe por explodir a panela. É algo muito válido quando não se quer uma explosão na cozinha, mas desastroso como política de tolerância a grupos que pretendem implantar o comunismo em um país. A válvula de escape pensada por Golbery e posta em prática foi a entrega das universidades e do aparato cultural justamente aos grupos de esquerda que não tinham presença na guerrilha, mas que já estavam treinados e prontos para colocar em prática a teoria de Antônio Gramsci, da revolução cultural no lugar da revolução armada. Com isso o governo militar não só entregou todo o ensino e a produção cultural à esquerda, como também não evitou que as revoltas armadas continuassem. Foi a pior coisa que poderiam ter feito, e que rendeu as piores conseqüências, como veremos adiante.

No início da década de 1960 o Brasil contava com um certo equilíbrio político na mídia impressa. Apesar das tiragens diárias dos jornais brasileiros nunca terem atingido marcas *per capita* sequer próximas às de países como Japão, Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos – o Brasil ocupa hoje a 53ª posição no comparativo mundial – a mídia impressa sempre foi um termômetro da qualidade do jornalismo brasileiro. E nessa época, antes do período de ditadura militar, os jornais impressos brasileiros contavam com excelentes jornalistas, que procuravam fazer o que realmente se espera deles: informar, sem ocultações ou manipulações, mantendo a narrativa dos fatos o mais próxima da realidade possível. Nesse sentido a coexistência de órgãos de mídia de direita e esquerda é mais do que benéfica, é na verdade imprescindível para a manutenção da idoneidade intelectual de todo o aparato midiático.

Mas a tática golberiana de fornecer a válvula de escape aos revolucionários acabou por colocá-los justamente nos lugares onde poderiam causar os maiores danos. A mídia exerce um papel fundamental nas sociedades democráticas, pois o acesso a transcrições reais de fatos, ou o mais reais possíveis, é condição *sine qua non* para a formação de uma capacidade analítica por parte da população atingida por essas transcrições, que podem ser chamadas de notícias, quando descrevem os fatos ocorridos com mais precisão e menos ideologia, ou de manipulação, quando são escritas segundo cartilhas ideológicas que pregam a “função social” do jornalismo. Assim, ao abrigar agentes da esquerda treinados para subverter todo o pensamento corrente em favor da ideologia esquerdista, a mídia brasileira começou um processo de adoecimento, algo que pode ser comparado com muita similaridade a um câncer maligno.

A cada redação tomada por um revolucionário gramscista, espaços antes ocupados por jornalistas “saudáveis” eram tomados por jornalistas “cancerosos”, num processo que se realimentou negativamente, e acabou matando os saudáveis por inanição. E não me refiro como saudáveis apenas aos jornalistas de direita, mas a todos os profissionais que mantinham uma ética de honestidade intelectual em seus textos. Mas o fato é que os de direita foram mais prejudicados, pois seus textos em nada se encaixavam nos novos padrões estabelecidos sobre a base revolucionária gramscista, e por isso foram sendo expelidos da mídia de forma sistemática e permanente. Ao mesmo tempo, todos os sindicatos de jornalistas do Brasil foram tomados por chapas esquerdistas, sem nenhuma exceção.

Se o leitor tiver alguma dúvida de que isso aconteceu, basta adquirir o livro *Eles mudaram a imprensa*. [24] disponível na maioria das livrarias brasileiras, onde são entrevistados seis jornalistas que atuaram como diretores de redação e que explicam o processo de reformulação da imprensa brasileira ocorrido nas últimas três décadas do século XX. Este livro não é de forma alguma uma crítica a esses jornalistas, mas sim um elogio aos mesmos, uma espécie de auto-aplausos da mídia esquerdista, e por isso serve como fonte fidedigna ao nosso propósito.

Assim, ano após ano o número de jornalistas de direita foi diminuindo, até que não restou um sequer. As pequenas exceções ficaram restritas a artigos quinzenais, ou no máximo semanais, nas seções de opinião dos jornais. Feito isso num mundo que ainda não conhecia a internet, os *blogs* e as redes sociais, e o que se viu como resultado foi o domínio completo e irrestrito da mídia brasileira pela esquerda militante, sem qualquer oposição de idéias. E sem a oposição de idéias o que se criou no Brasil foi uma espécie de monopólio dividido – as mesmas notícias manipuladas, contadas de forma igual por diversos órgãos diferentes. Sem um jornal para fazer oposição ao outro, nossa mídia se tornou rasa e monotônica, e toda visão contrária à sua burra unanimidade era tachada de reacionária ou fascista, segundo o *modus operandi* da esquerda militante.

Essa composição midiática unilateral esquerdista permanece até hoje, com os mesmos diretores de redação de três décadas atrás, quando muito tendo havido alguma troca por algum herdeiro intelectual, em virtude de morte ou de aposentadoria. A única diferença em nossos dias é a internet e a facilidade com que as pessoas conseguem publicar suas idéias. Com o advento dos *blogs* e das mídias sociais, jornalistas e articulistas sérios que estavam sem espaço na mídia começaram a ser lidos, e o simples fato de existir uma opinião contrária, um contra-ponto, foi suficiente para atrair a atenção de leitores que estavam ávidos por algo mais próximo do real. Como exemplo cito o *blog* do Reinaldo Azevedo que possui, sozinho, num dia, mais acessos que a tiragem diária de grandes jornais impressos. É somente pela nova mídia eletrônica que a direita voltou a ter alguma representação, mas que ainda continua mínima perto do tamanho do aparato midiático esquerdista.

A acusação que sempre se ouve das bocas esquerdistas, de que a imprensa brasileira é golpista e direitista, não passa de uma técnica muito bem conhecida de confusão e camuflagem. Ao mesmo tempo em que acusam os maiores órgãos de imprensa de serem de direita, utilizam-se de órgãos menores para marcar uma posição extremista, como o fazem os *websites* vermelho.org e brasil247.com, e mesmo a revista Carta Capital, praticamente uma extensão do

governo petista. Para o público em geral, a simples existência de órgãos de imprensa tão declaradamente esquerdistas ao lado de uma “imprensa séria”, menos radical, acaba por legitimar a mentira de que a mídia brasileira é de direita. É como se um marido traísse sua esposa e, ao ser flagrado, tentasse mostrar que o marido da vizinha é muito mais promíscuo, um verdadeiro canalha, mas que ele, por ter traído só um pouquinho, continua sendo fiel. O pior é que a maioria dos brasileiros faz papel de bobo, aceitando e acreditando nas desculpas do cônjuge infiel, prontos a dar um novo voto de credibilidade a cada nova mentira contada.

A manipulação da verdade chegou a um ponto no Brasil em que os militantes da esquerda mais tóxica, alimentados pela mídia esquerdista, desde a mais branda até a mais extremista, acusam histericamente essa mesma mídia de formar o chamado Partido da Imprensa Golpista, o PIG, vocábulo tão presente nas discussões esquerdistas quanto a expressão “segura peão” num rodeio. A eles não basta que a imprensa seja majoritariamente esquerdista e que os espaços reservados aos jornalistas de direita sejam mínimos – eles querem a total aniquilação de toda idéia que seja contrária à revolução, e por conseguinte, dos que propagam essas idéias. É por isso que não há imprensa livre em nenhum país comunista.

Há esperança para o Brasil? Enquanto o governo petista não conseguir colocar em prática suas propostas de “democratização da imprensa” e de regulamentação da internet, sim. Temos visto uma quantidade crescente de bons textos sendo escritos, de novas vozes surgindo, de novos livros publicados e de uma incipiente união das direitas, sempre em confronto direto com o *status quo*. Resta saber se esse crescimento irá afetar o balanço político e impedir que sejam aprovadas essas amarras à liberdade de expressão que é, certamente, a última força opositora ao autoritarismo petista.

Finalizando este capítulo, gostaria de lembrar que, enquanto parte da militância esquerdista revolucionária ocupou os órgãos da imprensa, uma outra parte dedicou-se a uma tarefa de importância tão grande quanto, o domínio da educação pública, fonte de toda a mão-de-obra adestrada da esquerda. Esse será o objeto de nosso próximo capítulo.

24 A referência completa a esta obra se encontra na *Bibliografia Básica*, ao final deste livro.

[25](#) Ministro da Educação, em frase sobre o desempenho do Brasil no exame Pisa de 2012.

CAPÍTULO XV

Algo que exala mentira: o sistema educacional brasileiro

Antonio Gramsci foi muito claro com seus seguidores a respeito de como deveriam fazer para tomar o poder sem nenhum confronto físico sequer. Todo o seu trabalho foi focado na chamada revolução cultural, isto é, na preparação de algumas gerações inteiras desde sua infância até sua formação universitária, convertendo-os em “intelectuais da revolução”. Enquanto que o conceito de “intelectual” no senso comum se aplica ao estudioso e *expert* em algum assunto, para Gramsci qualquer pessoa que faça parte da militância revolucionária recebe esse nome. Assim, se em algum escrito esquerdista ou gramscista o leitor se deparar com o termo “intelectual”, convém esquecer do significado real da palavra e lembrar de seu significado “revolucionário”, por assim dizer. Enfim, a tomada do poder e da hegemonia política, na teoria de Gramsci, é uma consequência direta da hegemonia cultural, e foi essa teoria que foi posta em prática pelos revolucionários que receberam a bênção dos militares para ocuparem cargos em todas as esferas do sistema educacional, desde professores até secretários de educação. Assim como no caso da mídia, todos os sindicatos de classe foram também tomados por chapas esquerdistas, sem uma única exceção, sem uma única voz contrária.

Não há prova maior dessa hegemonia na educação do que a adoção, em um país de dimensões continentais como o Brasil, de um método de ensino medíocre e ineficiente como foi o Método Paulo Freire. Falaremos deste charlatão mais à frente, ainda neste capítulo, mas as consequências da adoção de seus métodos, não só nas escolas públicas mas também nas particulares, são claras e visíveis aos olhos de qualquer um disposto a ler os comparativos de educação entre países. O Brasil tem se situado, em todos os tipos de comparativos, sempre nas últimas colocações, ao lado de nações africanas e da América Central. Nossos resultados são sempre abaixo da média geral, e nossa posição vem caindo a cada edição desses estudos. Para se ter uma idéia, no último ranking da WEF (*World Economic Forum*) [26] ficamos em 88º lugar, de um total de 122 países, e neste mesmo ranking, quando analisadas apenas as áreas de matemática e ciências, ficamos em 112º lugar, acima apenas de países como Burquina Faso e Iêmen – um desonroso resultado de décimo pior desempenho em ciências do mundo. No exame Pisa de 2012, feito com estudantes de 65 países, o Brasil também fez feio demais: 58º lugar em matemática. [27] Não há como negar: a educação é o ponto mais fraco do Brasil, o calcanhar de Aquiles do “gigante”.

Qualquer governo minimamente preocupado com sua futura força de trabalho e de produção científica e intelectual, que assistisse a uma queda tão consistente e constante em seus índices de educação, chegaria à conclusão de que o que está sendo feito errado. Mas o governo petista mostrou que é pautado pela canalhice, no caso de manter as coisas como estão para facilitar o domínio sobre uma multidão de ignorantes, ou pela loucura, pois como disse Einstein, somente um louco faz as coisas da mesma maneira e espera um resultado diferente. A prova disso é a condecoração póstuma do senhor Paulo Freire com o título de “Patrono da Educação Brasileira”, através da Lei 12.612/2012.

Mas afinal, quem foi Paulo Freire, e o que ele fez com nossa educação?

Paulo Freire foi um “educador” marxista que fez sucesso na base do plágio e do charlatanismo. [28] Nascido em Recife, Pernambuco, tomou contato, quando adulto, com o missionário norte-americano Charles Laubauch. O referido missionário, esse sim um verdadeiro educador, trabalhou por mais de trinta anos nas Filipinas, e conseguiu criar um método que o ajudou a alfabetizar sessenta por cento da população filipina. Devido ao sucesso estrondoso e à sua simplicidade, o método foi trazido para o Brasil pelo próprio Laubauch, a pedido do governo brasileiro, em 1943. Na época, três em cada quatro brasileiros eram analfabetos. Neste mesmo ano o senhor Paulo Freire já se encontrava empoleirado em um cargo de chefia do SESI, e tomou contato com o método Laubauch. Só que Freire era marxista, e Laubauch cristão, de modo que suas cartilhas de alfabetização traziam referências à cidadania, à ética, à paz social e ao cristianismo, valores contrários ao marxismo e completamente antagônicos aos propósitos revolucionários.

A fim de se utilizar das técnicas de Laubauch, mas sem os “incômodos” de seus princípios éticos, Paulo Freire reescreveu a cartilha, mantendo a estrutura pedagógica e trocando os valores de fundo por princípios marxistas. Esta nova cartilha começou a ser usada nos programas de alfabetização do próprio SESI e, com a ascensão de Freire, em 1961, ao cargo de Diretor do Departamento de Extensões Culturais da Universidade do Recife, foi aplicada em maior escala, com cortadores de cana e outros grupos experimentais. Os resultados o levaram a trabalhar diretamente com João Goulart na elaboração do Plano Nacional de Alfabetização. Como se pode ver, mesmo antes do governo militar a esquerda brasileira já havia preparado sua estratégia de subversão cultural para as escolas brasileiras.

Após a contra-revolução de 1964 foi preso pelo governo militar e fugiu para a Bolívia e depois para o Chile, onde escreveu sua obra-prima da subversão cultural, *Pedagogia do Oprimido*, livro que seria a base da chamada “pedagogia crítica”, corrente que se tornaria majoritária no ensino brasileiro, tanto no público como no privado. Com essa obra Paulo Freire consegue infligir no sistema de ensino brasileiro uma ferida mortal. Em prol de uma politização repugnante e de uma vitimização dos alunos, esse método de ensino retira completamente o foco do conhecimento em si, puro, colocando em seu lugar o relativismo marxista, com o claro propósito de criar uma geração de pseudo-intelectuais gramscistas, prontos a abraçar a causa revolucionária mediante a simples pronúncia de umas poucas palavras de ordem. Não é de se estranhar que um método que priorize a “libertação da opressão através da luta de classes”, em vez de ensinar matemática e língua portuguesa, tenha nos levado ao lugar vergonhoso que hoje ocupamos no mundo quando o assunto é educação. Não há outro caso no mundo onde o desprezo pelo conhecimento tenha sido patrocinado pelo Estado de forma tão clara.

A conclusão desta história não poderia ser pior: a primeira geração formada pelo método Paulo Freire foi a matéria-prima da qual se formaram os docentes que hoje ensinam nossas crianças e adolescentes. A pregação ideológica nas salas de aula brasileiras é hoje parte importante em um dos maiores aparatos de esquerdismo patrocinado pelo Estado, em operação, do mundo. E essa mesma geração também ocupa as escolas particulares e as cátedras nas universidades, relegando o método clássico e a busca do conhecimento a poucos centros isolados de excelência.

O domínio da esquerda nas universidades brasileiras trouxe consigo um subproduto que, tal como a jabuticaba, só pode ser encontrado em terras tupiniquins: o culto ao diploma. Falaremos desta mentira no próximo capítulo.

[26](http://www3.weforum.org/docs/WEF_HumanCapitalReport_2013.pdf) Relatório completo, incluindo a metodologia do índice, disponível em http://www3.weforum.org/docs/WEF_HumanCapitalReport_2013.pdf.

[27](http://www.oecd.org/pisa/keyfindings/PISA-2012-results-snapshot-Volume-I-ENG.pdf) O resumo dos resultados dos testes de 2012, tanto os de matemática como os de leitura e ciências, está disponível para consulta em <http://www.oecd.org/pisa/keyfindings/PISA-2012-results-snapshot-Volume-I-ENG.pdf>.

[28](http://www.midiasemmascara.org/artigos/educacao/12993-metodo-paulo-freire-ou-metodo-laubach.html) Veja artigo do historiador David Gueiros Vieira, que embasa a caracterização do método Paulo Freire como plágio de outro método de ensino em <http://www.midiasemmascara.org/artigos/educacao/12993-metodo-paulo-freire-ou-metodo-laubach.html>.

*“Não hesito em declarar: o diploma
é o inimigo mortal da cultura”.*

PAUL VALÉRY

CAPÍTULO XVI

Mentira em letras góticas sobre pele de carneiro: diploma

Este tema já foi abordado por Olavo de Carvalho em inúmeros artigos e textos, e continua sendo uma realidade preocupante e também uma grande mentira que nos é contada desde crianças: você precisa ter um diploma, meu filho.

Todos os anos, milhares de crianças brasileiras iniciam seus estudos com o firme propósito de um dia conseguir um diploma. Elas não querem um emprego, nem uma carreira, nem o conhecimento, tanto quanto querem o diploma. Numa nação que até cinquenta anos atrás tinha metade de sua população analfabeta, o diploma sempre foi visto como uma enorme chave em forma de canudo que abriria as portas do emprego e do reconhecimento público de que a pessoa não mais pertencia ao grupo dos comuns, mas agora passava a ser parte da elite intelectual. Nada mais falso e longe da realidade.

Como já foi abordado no capítulo anterior, após a tomada do poder pelos militares a esquerda ocupou o aparato cultural brasileiro, incluindo as universidades. Vale lembrar que na década de 1960 não havia a quantidade imensa de faculdades e universidades que existe hoje no Brasil. Naquela época a produção científica e intelectual brasileira era concentrada em alguns poucos centros, de modo que não foi nada difícil tomá-los por completo.

A ocupação esquerdista foi especialmente danosa aos setores universitários ligados ao ensino das ciências humanas, afinal, é muito mais difícil embutir marxismo em uma aula de cálculo do que em uma de sociologia. A dominação foi intensa e brutal, e chegou aos órgãos de fomento à pesquisa – CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) – de onde os revolucionários puderam controlar a distribuição de verbas governamentais, promovendo, desde dentro das estruturas burocráticas destes órgãos, uma nítida retaliação a pesquisadores com viés ideológico de direita. [29] Como a produção científica e intelectual brasileira sempre dependeu muito do financiamento estatal, ficando a iniciativa privada responsável sempre por uma fatia desprezível do dinheiro doado a pesquisas, o controle das torneiras de dinheiro do Estado foi um golpe mortal na pluralidade intelectual das universidades. Elas se tornaram, com o passar dos anos, um reduto esquerdista e uma fonte inesgotável geradora de trabalhos científicos que exaltavam e promoviam o marxismo em todas as suas aplicações possíveis e imagináveis.

Mas a perseguição aos intelectuais de direita não ficou apenas no plano financeiro. O Brasil utiliza um sistema centralizado de currículo científico, a plataforma Lattes, do CNPq. Todo pesquisador possui seu currículo na plataforma Lattes, onde constam seus títulos, seus trabalhos, seus artigos publicados, enfim, a história de sua vida acadêmica. Pois o sistema Lattes não permite, e isso vale até hoje, que se liste como “artigo científico publicado em revista com corpo editorial” qualquer artigo científico publicado em determinadas revistas com orientação ideológica de direita. [30] numa clara afronta ao princípio de isenção ideológica tão necessário ao desenvolvimento da ciência. Ora, se não há mais pluralidade na produção científica, uma hegemonia de pensamento é formada e nutrida, até chegar ao ponto de que nenhum pensamento

contrário ao hegemônico seja aceito sequer como hipótese, muito menos como verdade. E quando se rejeita uma hipótese antes mesmo de verificar sua validade, o que se está fazendo pode ser chamado de qualquer coisa, menos de ciência ou de geração de conhecimento.

Assim, nossas universidades, que deveriam ser centros de criação de conhecimento, não cumprem mais seu papel, mas continuam detendo o monopólio da emissão de diplomas. Mas que validade há num documento que atesta a conclusão de um determinado curso, por mais longo que seja, se esse próprio curso já não é mais um instrumento para a geração de conhecimento? A resposta é, obviamente, nenhuma. Por outro lado, até mesmo para manter o *status quo*, os mesmos “*experts*”, que lecionam nessas instituições e que ajudam a manter o sistema burro em que foram criados, refugiam-se em seus títulos, usando-os como barreiras contra qualquer um que ouse desafiar os intelectualmente, com o cuidado de jamais aceitarem um desses desafios, na certeza de que sairão vergenhosamente perdedores.

Numa situação dessas a pior coisa que pode acontecer a uma pessoa é ser aprovado no vestibular de uma dessas universidades, estudar e receber um diploma. Eu falo por experiência própria, pois cursei engenharia elétrica na Universidade Estadual de Campinas, a UNICAMP. Passear pelos corredores e prédios da área de ciências humanas foi sempre um programa dos mais esdrúxulos, pois enquanto nós passávamos dias internados na biblioteca estudando para uma única prova de cálculo, a “galera de humanas” fumava seus baseados e promovia o comunismo na universidade, sempre crendo que eles eram os libertos e iluminados, e que nós éramos os escravos engessados. Hoje, tendo concluído meu curso, trabalhado como engenheiro e tido várias outras experiências profissionais, e tendo estudado filosofia tanto como autodidata, como pelas aulas do prof. Olavo de Carvalho, vejo que um diploma de filosofia conseguido na UNICAMP não me acrescentaria absolutamente nada na vida, a não ser talvez algumas oportunidades de discutir face a face com alguns representantes mirins da *esquerda caviar*. E o mesmo se aplica às áreas de ciências humanas da USP, da UNESP, da UNB e de tantas outras faculdades e universidades onde impera o tom monocórdio do marxismo cultural.

O resumo de tudo isso cabe em uma única palavra: *poser*. Para quem não conhece o termo, ele vem diretamente do inglês, e significa “alguém que finge ser algo que não é”. Nossas universidades estão cheias de *posers*, e cada um deles tem um diploma impresso em pele de carneiro, todo em letras góticas lindas, emoldurado e pendurado atrás de suas mesas de trabalho. É o seu maior orgulho, e ao mesmo tempo a evidência de sua maior desgraça: foram lobotomizados pelo sistema que os criou e que nutriu seus egos, e agora são incapazes de sobreviver sem ele.

Se o subproduto dessa coletividade esquerdista ficasse restrito aos seus próprios domínios, o dano à sociedade brasileira seria menor. O problema é que esses pseudo-intelectuais revolucionários cruzam as fronteiras das universidades e povoam nosso cotidiano com suas teorias mentirosas e suas explicações sem fundamento. Para a desgraça do povo brasileiro, tudo o que se produz nos núcleos de ciências humanas das universidades brasileiras acaba de alguma forma nos discursos e nos textos dos nossos formadores de opinião, sejam eles políticos, jornalistas ou artistas. São conceitos construídos sobre bases falaciosas, que servem depois como ferramenta para a construção de discursos desprezíveis e tacanhos, que ferem o bom senso e

solapam os princípios de igualdade e de liberdade sob a égide da democracia social. Dentre os mais horrorosos que o mundo e o Brasil viu nas últimas décadas está o discurso da dívida histórica, uma mentira que será analisada no capítulo a seguir.

[29](http://www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/QTMFB.pdf) Para mais detalhes veja o artigo do Prof. Ricardo Vélez Rodríguez, da UFJF, disponível em <http://www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/QTMFB.pdf>.

[30](http://www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/QTMFB.pdf) Novamente, veja o artigo do Prof. Ricardo Vélez Rodríguez, da UFJF, disponível em <http://www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/QTMFB.pdf>.

“Ter escravos não é nada, mas o que se torna intolerável é ter escravos chamando-lhes cidadãos”.

DENIS DIDEROT

CAPÍTULO XVII

Mentiras que atravessam gerações: dívida histórica

Imagine a seguinte situação: você está em casa, desfrutando de um momento de lazer em frente à televisão, talvez vendo um filme, talvez jogando *videogame*, quando tocam a campainha. Você se levanta e vai atender. Descobre que é um oficial de justiça, que traz uma intimação de um processo de execução de dívida em seu nome. Você resolve investigar, afinal não se lembra de ter ficado devendo para ninguém, e descobre que a dívida é de um senhor que morou na mesma cidade que você, só que várias décadas atrás. Ele já está morto, mas quando vivo devia uma certa quantidade de dinheiro a um outro homem, cujo bisneto resolveu cobrar a dívida agora, oitenta anos depois. E você foi escolhido porque é branco, descendente de italianos e mora na mesma cidade, exatamente como era o senhor devedor.

O parágrafo acima, tomadas como referências as nossas leis civis que regem as dívidas e as heranças, soa como um total absurdo. Afinal, em primeiro lugar, dívidas são contraídas individualmente, e são restritas à pessoa que as contraiu, podendo ser cobradas somente desta pessoa em vida, ou no máximo de seu espólio após sua morte. Não existe em nossas leis nenhum dispositivo que permita cobrar de um descendente uma dívida pregressa, pois tal absurdo feriria um direito básico dos homens, que é o de nascer livre.

Mas, contrariamente a todo bom senso, aos direitos básicos dos homens e à jurisprudência, nossos sociólogos, filósofos, historiadores e tantos outros pseudo-intelectuais de esquerda nos apresentaram com um dos mais fétidos lixos ideológicos que já se ouviu falar, o conceito da dívida histórica. Essa formulação hipotética, ilógica e sem sentido tomou ares de verdade absoluta na boca da esquerda brasileira, que agora a tem utilizado para culpar todo um grupo de pessoas que vivem hoje pela desgraça de outras que viveram décadas ou mesmo séculos atrás. Querem impor uma dívida pesada ao homem branco ocidental dos dias de hoje, por conta dos atos dos homens brancos ocidentais desde a época do descobrimento do Brasil até a abolição da escravatura, como se as pessoas que vivem hoje fossem beneficiárias de atos condenáveis de outras, ainda que na maioria das vezes não apresentem nenhuma relação de parentesco com os “antepassados criminosos”, bastando para isso, na mente perturbada de um esquerdista, ter a mesma cor de pele ou morar na mesma região geográfica.

O próprio absurdo conceitual presente na dívida histórica já seria suficiente para refutá-la como argumento válido para compensações sociais. No entanto, quem se utiliza deste absurdo não pára por aí. Além da podridão da estrutura lógica há também o preenchimento desta estrutura com dados falsos e mentiras de todo tipo, amalgamadas em trabalhos farsescos cujo único objetivo é dividir a sociedade em grupos menores que se odeiem mutuamente, seguindo à risca a tática do “dividir para conquistar”.

A fim de mostrar ao leitor um pouco desta manipulação, e de como ela é facilmente refutada por fatos, convém tomarmos o exemplo de dívida histórica mais utilizado entre todos, que é o dos negros oprimidos pelos brancos. Os farsantes começam sempre contando a história do escravagismo praticado pelos brancos europeus que, certos da inferioridade racial dos negros,

teriam exterminado a população africana e desgraçado o continente todo, somente para financiar a Revolução Industrial e enriquecer o Ocidente, terra dos capitalistas gananciosos. Só que não existe nem um traço de verdade histórica nessas afirmações, como veremos a seguir.

O primeiro embuste a ser desmascarado nesta “ficção histórica” diz respeito ao tráfico de escravos e à influência dos povos europeus nesta atividade. Muito antes do primeiro europeu atracar um navio negreiro na costa africana, milhões de africanos já haviam sido vendidos como escravos pelas rotas de comércio árabes e muçulmanas, que continuaram praticando o tráfico de escravos até o século XX. Aliás, o mundo islâmico também escravizou mais de um milhão de cristãos europeus, e até hoje ninguém apareceu para cobrar essa dívida histórica. Além desses fatos, some-se ainda a prática comum entre os povos africanos de comercializar e utilizar escravos internamente, dando sustentação econômica aos estados e reinos mais prósperos do continente. Essa prática era tão difundida entre os africanos que o primeiro proprietário de escravos dos Estados Unidos não foi um branco, mas sim um negro angolano que adotou o nome europeu Anthony Johnson. Anthony havia sido vendido como escravo dentro de seu continente, e depois conseguiu imigrar para a Virgínia, no século XVII. Havendo trabalhado como servo contratado por um tempo, ele recebeu uma propriedade rural como pagamento por seu tempo de serviço, prática comum na época, e lá teve a seu serviço o primeiro escravo negro da história norte-americana, John Casor. Podemos mencionar ainda os inúmeros casos de escravos, em toda a América, cuja primeira providência ao conseguir sua alforria era comprar um escravo para lhes servir, ou mesmo o caso do maior “herói” negro da história nacional, Zumbi, que possuía vários escravos a seu serviço. Tudo isso mostra que, de forma alguma, foram os homens brancos europeus que iniciaram o escravagismo na África.

Seguindo, temos que contestar a suposta doutrina de superioridade racial do homem branco europeu para com o homem negro africano. Ao contrário do que se afirma nas rodas esquerdistas de “estudo”, enquanto que autores árabes já manifestavam seu desprezo pela raça negra em suas obras desde o século XII, foi somente no século XVIII que surgiram na Europa as primeiras teorizações racistas, época em que os movimentos abolicionistas já ocupavam a agenda política de diversos países onde a escravidão era uma realidade. Além disso, quando os mercadores árabes praticavam o tráfico escravagista, eles mesmos aprisionavam seus escravos, e castravam uma boa parte deles, enquanto que os europeus adquiriam seus escravos das mãos de mercadores africanos, e desconheciam o hábito da castração.

Por último, a propriedade de escravos era uma realidade para uma pequena minoria. Em geral, considerando toda a América escravagista, menos de cinco por cento da população branca era proprietária de escravos, enquanto que mais de vinte por cento dos negros livres possuíam um ou mais negros escravos.

Assim, não só é uma farsa o conceito de dívida histórica, como também o são as alegações históricas presentes nos discursos da esquerda, esses sim racistas e tendenciosos. E esses mesmos discursos mentirosos são aplicados a quaisquer minorias em que os engenheiros sociais marxistas enxerguem uma oportunidade de disseminar divisão e ódio. Nesse sentido, todas as chamadas minorias servem como massa de manobra para esses manipuladores: negros, imigrantes, homossexuais, indígenas etc.

Destaco aqui uma conseqüência bastante danosa das políticas de compensação social que levam em consideração a tal dívida histórica: ao vitimizar um grupo étnico ou social por completo, tratando seus componentes como criaturas inermes dignas apenas de dó e incapazes de se desenvolverem sozinhas na sociedade, este tratamento mesmo acaba por tirar do grupo aquela força vital de superação que traz esperança ao homem, perpetuando quaisquer dificuldades históricas sofridas pelo grupo debaixo de uma maquiagem de justiça e reparação. Nada faz mais mal a um homem do que alimentar sua auto-piedade e privá-lo de sua honra. Infelizmente esse é o maior legado do governo petista para o Brasil. Se o nome “bolsa-família” lhe veio à mente, você está antenado com a leitura. É o tema do nosso próximo capítulo.

*“É por isso que se distribui tanta cesta básica,
é por isso que se distribui tanto tiquete de leite;
porque isso, na verdade, é uma peça de
troca em época de eleição”.*

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA [31]

31 Veja o vídeo de onde foi tirada esta transcrição do então candidato Lula:
http://www.youtube.com/watch?v=_LvF18nmXw4.

CAPÍTULO XVIII

Mentira tripla: o bolsa-família foi criado pelo PT, é bom e tira as pessoas da miséria

A mentira do bolsa-família é tão grande e descarada que fica até difícil escolher por onde começar o desmascaramento. Para garantir uma certa ordem de raciocínio, vamos dividi-la em três partes, conforme o título do capítulo, e trabalhar individualmente em cada parte.

Vamos falar primeiro sobre a criação do bolsa-família. Embora o senhor Luiz Inácio Lula da Silva tenha repetido milhares de vezes, publicamente, que o programa bolsa-família foi criado em seu governo, a verdade é outra: o bolsa-família nada mais é do que uma continuação piorada do programa bolsa-escola, implementado em 2001 pelo governo de Fernando Henrique Cardoso, sob responsabilidade do ministério da Educação. Digo que foi uma versão piorada porque no programa de FHC havia critérios bastante objetivos para permitir o acesso das famílias, e que exigiam uma contra-partida dos beneficiários – teto de renda mensal familiar e obrigatoriedade de ter todas as crianças da família em idade escolar matriculadas e freqüentando uma escola pública. Cada família que tinha esses critérios atendidos se cadastrava em um sistema de dados sociais do governo e os pais passavam a receber um valor mensal para cada filho em idade escolar, limitado ao máximo de três filhos. O objetivo do programa era desestimular a prática comum entre as famílias mais pobres de tirar seus filhos da escola para que os mesmos possam ajudar financeiramente, trabalhando, ou seja, era um programa de distribuição de renda com contra-partida e com data de saída: depois que o último filho da família terminar os estudos, o benefício cessa. Este programa chegou a atingir a cifra de cinco milhões de famílias beneficiárias.

Quando Luiz Inácio assumiu a presidência da república, em 2002, transferiu o programa para o ministério do Desenvolvimento Social, tirou o nome “escola” do mesmo e praticamente acabou com a fiscalização que era feita sobre a freqüência escolar dos filhos de beneficiários, tornando o programa acessível a qualquer família que preenchesse os requisitos de pobreza do programa. E assim, sem nenhum constrangimento, o governo petista se apoderou de um programa criado pelo governo anterior e passou a contar a mentira de que era uma criação sua.

Em segundo lugar precisamos refutar a afirmação de que o programa bolsa-família é bom. Certamente ele traz alguma boa consequência, que é o aumento da renda de parte da população pobre, mas não se pode medir a eficiência e a validade de algo somente por um bom resultado, mas sim pela análise de todos os principais desdobramentos deste algo, e a direção para qual aponta seu vetor resultante. Pois o vetor resultante do bolsa-família aponta para a direção da miséria, do populismo, da compra de votos, do paternalismo e da injustiça. A mensagem implícita na versão anterior do programa, de que a pessoa receberia uma ajuda para manter seus filhos na escola justamente para que esses filhos pudessem ter mais condições de lutar contra a miséria, passou, na versão lulo-petista, a algo como “você merece receber uma ajuda porque você é pobre”.

Como o governo não estimula as pessoas a sair do programa, ele se torna uma muleta

permanente, e o registro de casos de beneficiários que recusam trabalho formal para não perder o direito ao benefício é comum em diversas partes do Brasil. O número de famílias atendidas cresceu de três para catorze milhões em dez anos de programa – se o número de famílias atendidas apenas sobe, como se pode afirmar que o programa tira as pessoas da miséria? Um motivo para se comemorar seria a diminuição dos beneficiários, mas não há a menor chance disto acontecer, pois não há critério de saída. E em alguns estados, como a Bahia, um terço da população vive com a renda do programa. É isso mesmo que você acabou de ler: de cada três baianos, um recebe bolsa-família. Que sociedade consegue vencer a miséria quando duas pessoas precisam produzir para sustentar a terceira?

Além disso, as pesquisas eleitorais têm mostrado, consistentemente, que as famílias beneficiárias do programa apresentam números de aprovação do governo e intenções de voto para o candidato governista no mínimo dez por cento maiores que o restante de sua região. Isso indica claramente o poder eleitoral do bolsa-família, que é a maior “*peça de troca em época de eleição*” que já se viu no mundo. Some-se ao caráter eleitoral do programa o discurso dos candidatos governistas e de seus auxiliares de campanha em época de eleições, de que a oposição pretende acabar com o benefício, e o resultado é a pior presidente da república que já ocupou o cargo – estou falando de Dilma Rousseff – apresentando altos índices de aprovação e praticamente garantindo sua reeleição a meses do pleito, mesmo com a economia naufragando, com juros e inflação em alta e geração de riquezas em baixa. Mas aquele que não depende de trabalhar para receber seu sustento também não se preocupa com a economia. E vota no PT.

Em meio a todos esses aspectos ruins do programa ainda há os esquemas de fraudes e a falta de controle. O orçamento do programa cresce ano a ano, tendo superado a marca de vinte bilhões de reais em 2012, e pessoas continuam recebendo o benefício mesmo não precisando, enquanto outras o recebem sem nunca terem preenchido os requisitos.

Mas não basta mostrar que o bolsa-família não foi criado pelo PT, e que não é uma coisa boa para o país. Precisamos também desmascarar os truques governistas, feitos com números, para mostrar que o discurso petista de que milhões de pessoas saíram da miséria durante seu governo é nada mais que *matemática*. Convém saber que o governo petista considerava, em 2013, qualquer brasileiro que visse com renda mensal inferior a setenta reais como oficialmente miserável, e os que vissem com renda entre setenta e cento e quarenta reais mensais como pobres. Acontece que, para poder dizer que tirou as pessoas da miséria, a única coisa que o governo precisa fazer é conseguir aumentar a média dos rendimentos dos miseráveis acima do valor de setenta reais. Isso não significa que antes as pessoas ganhavam em média sessenta reais mensais, e depois passaram a viver com duzentos. Veja um exemplo de como é fácil manipular os números: se a média de rendimentos de um determinado grupo de pessoas fosse de sessenta e nove reais mensais, e passasse depois a setenta e um reais, com apenas dois reais a mais por mês para cada pessoa, na média, estaria garantida a propaganda eleitoreira de que milhões agora deixaram de ser miseráveis. Veja o leitor como essa questão é cheia de manipulações, e como é possível mexer com os números sempre para favorecer o governante do momento. E um detalhe importante: basta o governo deixar de distribuir esse dinheiro por um mês e todas essas pessoas voltarão imediatamente à condição de miseráveis, ou seja, ainda que o programa realmente

tirasse as pessoas da miséria, ele só o faria momentaneamente, sem resultados perenes.

E por último não poderia deixar de mencionar os desdobramentos do programa bolsa-família, como o Minha Casa Minha Vida, o Luz para Todos, o Brasil sem Miséria, o Minha Casa Melhor, o Vale-Cultura e tantas outras muletas que o governo vai jogando nas mãos dos brasileiros mais pobres, que dessa forma vão se esquecendo de como é caminhar com as próprias pernas ou, como diz o dito popular, de pescar o próprio peixe. Eles são a prova contundente de que o assistencialismo irresponsável leva sempre a mais assistencialismo, num ciclo crescente, que eventualmente se torna impossível do ponto de vista econômico, pois a força produtiva do país tem que financiar cada vez mais gente, e para isso são criados cada vez mais impostos e tributos. Até quando a parte do país que produz aguentará essa carga nos ombros? Difícil saber.

Espero que você ainda tenha fôlego para mais uma mentira. Estamos chegando ao final do livro, mas eu não poderia deixar de escrever sobre isso. Quer saber o que é? Vamos ao penúltimo capítulo.

*“Morar nos Estados Unidos é bom,
mas é uma merda. Morar no Brasil é
uma merda, mas é bom”.*

TOM JOBIM

CAPÍTULO XIX

Mentira boba? Nem tanto: Deus é brasileiro

O brasileiro tem certeza de que mora num país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza. Tem certeza de que a ausência de terremotos, tsunamis, erupções vulcânicas e outros cataclismos é a prova maior de que este é o melhor país do mundo. Tem mais certeza ainda que o povo brasileiro é o mais hospitaleiro, o mais legal, o mais simpático e o mais amigável de todos os povos. Enfim, se o mote “Deus é brasileiro” pegou, é porque nós realmente acreditamos nisso.

O leitor pode achar estranha a presença desta mentira, que teoricamente é do domínio da ficção, da expressão popular, num livro que procura confrontar mentiras que são disseminadas pela mídia e pelas escolas com a realidade não tão difundida, mas a justificativa para essa presença é muito simples: essa “mentira boba” se incorporou de tal forma ao imaginário popular que se tornou um impeditivo ao desenvolvimento intelectual de nosso povo. A certeza da ajuda divina à disposição de todos, de que tudo vai dar certo de alguma maneira, e até mesmo o jeitinho brasileiro, são todas muletas onde a pessoa se apóia para não ter que fazer as coisas como elas precisam ser feitas, para não ter que se desenvolver intelectualmente, e para não se sentir mal com as duas afirmações anteriores.

A história das civilizações não mostra, em nenhum momento, um povo proveniente de regiões tropicais e abundantes em recursos naturais que tenha atingido níveis de desenvolvimento formidáveis. As praias, fonte natural e gratuita de diversão, o clima excelente, a facilidade em encontrar comida e a ausência de guerras e de situações que demandem sacrifício em prol de algum bem maior, todos esses fatores estão ausentes na história das grandes civilizações e nações que passaram ou que existem hoje no mundo. A grandiosidade e o caráter são forjados nas dificuldades, na falta, na fome, na guerra, na inquietação e nas incertezas. Já a abundância não conquistada e não merecida tem como frutos a preguiça, a acomodação e a procrastinação. É um padrão que se repete nos mais diferentes níveis, desde uma família até uma nação inteira. Quem não conhece casos de fortunas de famílias que se dissipam em duas gerações, pois os esforços daqueles que a construíram são muito maiores do que os que a herdaram. E o que falar das civilizações que, atingindo seu apogeu, acabam por se acomodar com suas riquezas e são então conquistadas.

É claro que o ser humano tem capacidade de contrariar tendências, mas o primeiro passo para isso é admitir que essa tendência existe e tomar uma decisão consciente de rejeitá-la. O que é precisamente o contrário do que o mito “Deus é brasileiro” significa. Quem nasce no Brasil e nele vive precisa acordar do sonho lindo de bebê em berço esplêndido, e admitir que, a fim de atingir uma maturidade intelectual e de caráter, será necessário esforço, persistência, perseverança e paciência; que o caminho para esse objetivo não será fácil como ir à praia, e que a companhia, muitas vezes, será somente a dos próprios demônios e anjos interiores, e de Deus, se assim a pessoa acreditar. E todo esse esforço terá de ser maior do que o de alguém que tenha nascido na Noruega, na Inglaterra, no Canadá, enfim, em qualquer lugar onde não haja esta maravilha natural que temos. E se nosso esforço tem que ser maior, não há porque dizer que somos abençoados, muito pelo contrário.

A mentira do “Deus é brasileiro” nos define como povo e nos faz únicos em uma maneira indesejada. E essa característica geral do povo é um reflexo realimentado do modo de ser da maioria da população: nosso povo só é assim porque, em geral, pessoas são assim; mas a maioria das pessoas acaba por ser assim porque o povo, no geral, é assim. É um ciclo vicioso difícil de ser quebrado, onde cada brasileiro que nasce é submetido a uma cultura da vantagem e do tropicalismo *bon vivant* e, ao aceitá-la como sua própria realidade inexorável, contribui para cristalizá-la ainda mais, e assim por diante.

A certeza de que somos naturalmente abençoados e que não precisamos nos esforçar produziu em nossa história recente os resultados mais esdrúxulos e inconcebíveis, sendo o maior deles a eleição do senhor Luiz Inácio Lula da Silva, um operário semi-analfabeto que se aposentou por ser “anistiado político” [32] – a cassação de seus direitos sindicais foi o motivo de ser considerado como tal – e passou o restante da vida sendo sustentado pelo Estado, fazendo apologia à ignorância, à cachaça e ao futebol, e estufando o peito com o orgulho de ter sido, enfim, a personificação do triunfo da preguiça e da ignorância sobre o trabalho e a cultura. Uma comparação inevitável vem à mente, com o físico britânico Stephen Hawking, um dos mais consagrados cientistas da atualidade e que, apesar de sofrer da incurável Esclerose Lateral Amiotrófica, tem trabalhado incansavelmente, produzindo pesquisas em sua área de atuação, ministrando palestras pelo mundo todo, escrevendo livros, dando aulas e gravando documentários científicos para a televisão. Permanecerá para sempre o mistério de como esse homem, que não consegue mexer um músculo sequer de seu corpo, e fala através de um sistema eletrônico que reconhece o movimento de seus olhos, não se utiliza de sua enorme deficiência como desculpa para não ser produtivo, e seja da mesma espécie biológica que Luiz Inácio, cuja produtividade não pode ser medida, pois simplesmente não existe.

O subproduto da ascensão de Lula ao poder foi algo ainda mais pernicioso: qualquer crítica, como esta que faço aqui, ao referido ex-presidente e à sua completa falta de atributos necessários a um cargo de tamanha importância, é tachada como preconceito de alguém que quer manter a elite no poder e que não aceita que um simples trabalhador seja Presidente da República. Essa é a desgraça como a do organismo doente que luta contra o medicamento que lhe é administrado, é o rebaixamento de todos os padrões para atender à baixa auto-estima de um povo, é a conformação do caráter geral da nação às necessidades mais animalescas e irracionais dos homens.

O Brasil abandonou a virtude; se depender do governo petista, será para sempre.

32 Ao contrário do que muitos pensam, Lula não se aposentou por causa da perda de seu dedo mínimo. Para mais informações veja a seguinte notícia no site da PGR: http://noticias.pgr.mp.br/noticias/noticias-do-site/copy_of_geral/aposentadoria-de-anistiado-concedida-a-lula-e-regular.

*“Pensar é fácil. Agir é difícil.
Agir conforme o que pensamos,
isso ainda o é mais”.*

JOHANN WOLFGANG VON GOETHE

Verdades

Eu não poderia fazer um livro inteiro sobre mentiras, e deixar de lado algumas verdades que são de extrema importância, mas que andam esquecidas ou encobertas.

A primeira verdade, e que pode parecer um tanto piegas ou mesmo coisa de filme de Hollywood, é que uma pessoa faz diferença. A história da humanidade está repleta de casos em que seu curso foi mudado pela ação de uma única pessoa. A idéia de que somos muito insignificantes para promover mudanças é apenas uma acomodação de nossa mente diante do fato de que é possível sim fazer diferença, só que isso dá trabalho e requer muita dedicação. A lista de exemplos é muito grande, e por isso mencionarei apenas alguns, que poderão servir de inspiração ao leitor, quando o mesmo se sentir sozinho contra uma multidão. São eles: Winston Churchill, Dostoiévski, Aristóteles, Margaret Thatcher, William Shakespeare, Ludwig van Beethoven, John Adams, Benjamin Constant, John Wesley, G. K. Chesterton, Ludwig von Mises e muitos outros. É possível marcar a história das mais diversas maneiras, nas mais diferentes áreas. A esquerda vai sempre procurar destruir o conceito da individualidade, mesclando todas as pessoas em grupos sociais variados, dizendo que a força está no coletivo. Acreditar que o verdadeiro poder de realizar é individual é o primeiro passo para promover mudanças, de preferência boas.

A segunda verdade é que não estamos sozinhos. Um homem sempre encontrará alguém para lhe fazer companhia em um empreendimento. Tem sido mais fácil encontrar companheiros para empreendimentos malignos e criminosos do que para boas iniciativas, mas isso não quer dizer nada além de que precisamos procurar com mais critérios por nossos pares. Ademais, a qualidade intelectual dos que se opõem ao *mainstream* esquerdista é visivelmente superior à dos militantes de esquerda, o que nos dá a vitória no campo das idéias.

A terceira verdade é que as idéias não passam disso se não houver ação. E por ação não se deve entender ficar em casa no computador reclamando para os amigos do Facebook. Um texto de Olavo de Carvalho enumera os passos necessários para que a direita, no Brasil, consiga fazer um contra-ponto à esquerda, que passou os últimos sessenta anos agindo ativa e ininterruptamente. Ele diz em um post do dia 20 de junho de 2013, em sua página no Facebook

Não tenho fórmula pronta, mas a experiência histórica mostra que a formação dos grandes movimentos políticos obedece a uma seqüência mais ou menos imutável. (1) Iniciativas intelectuais isoladas; (2) Organização dos intelectuais numa rede de debates, que podem prosseguir por muito tempo sem nenhuma ação política propriamente dita; (3) Aglutinação de recursos financeiros; (4) Adestramento de militantes; (5) Conquista, criação e ampliação dos meios de ação; (6) Criação de um Estado Maior para discussão estratégica e tática (o Foro de São Paulo é isso); (7) Desencadeamento de ações; (8) Manutenção do controle e revisão permanente das estratégias e táticas à luz dos resultados obtidos.

Como se pode ver, tudo começa na iniciativa intelectual individual, mas a ação organizada em grupos e a injeção de recursos financeiros são essenciais para que a coisa ganhe corpo.

A quarta verdade é simples: numa batalha, quem não escolhe um lado já escolheu o outro. O próprio Jesus Cristo disse que “*quem comigo não ajunta, espalha*”. Para que os maus avancem, basta que os bons não façam nada, para ocupar um espaço com alguém corrupto, basta que não haja um justo pronto a disputar. Há um poema de Ruy Barbosa que, para mim, ilustra perfeitamente essa verdade, já aplicada ao Brasil de sua época. O leitor irá notar que as palavras do grande jurista, escritor, diplomata e político, escritas no início do século XX, caem como uma luva no país em que vivemos hoje:

Sinto vergonha de mim
por ter sido educador de parte desse povo,
por ter batalhado sempre pela justiça,
por compactuar com a honestidade,
por primar pela verdade
e por ver este povo já chamado varonil
enveredar pelo caminho da desonra.

Sinto vergonha de mim
por ter feito parte de uma
era que lutou pela democracia,
pela liberdade de ser
e ter que entregar aos meus filhos,
simples e abominavelmente,
a derrota das virtudes pelos vícios,
a ausência da sensatez

No julgamento da verdade,
a negligência com a família,
célula-máter da sociedade,
a demasiada preocupação
com o ‘eu’ feliz a qualquer custo,
buscando a tal ‘felicidade’
em caminhos eivados de desrespeito
para com o seu próximo.

Tenho vergonha de mim
pela passividade em ouvir,
sem despejar meu verbo,
a tantas desculpas ditadas
pelo orgulho e vaidade,
a tanta falta de humildade
para reconhecer um erro cometido,
a tantos ‘floreios’ para justificar
atos criminosos,
a tanta relutância
em esquecer a antiga posição
de sempre ‘contestar’,

voltar atrás
e mudar o futuro.

Tenho vergonha de mim
pois faço parte de um povo que não reconheço,
enveredando por caminhos
que não quero percorrer...

Tenho vergonha da minha impotência,
da minha falta de garra,
das minhas desilusões
e do meu cansaço.

Não tenho para onde ir
pois amo este meu chão,
vibro ao ouvir meu Hino
e jamais usei a minha Bandeira
para enxugar o meu suor
ou enrolar meu corpo
na pecaminosa manifestação de nacionalidade.

Ao lado da vergonha de mim,
tenho tanta pena de ti,
povo brasileiro!

De tanto ver triunfar as nulidades,
de tanto ver prosperar a desonra,
de tanto ver crescer a injustiça,
de tanto ver agigantarem-se os poderes
nas mãos dos maus,
o homem chega a desanimar da virtude,
a rir-se da honra,
a ter vergonha de ser honesto.

E assim termino esse capítulo e também esse livro, que eu espero que ocupe um espaço importante nas casas de muitas pessoas. Esse livro foi escrito com a única intenção de despertar em você, leitor, um constante estado de ceticismo em relação às notícias e às informações veiculadas na mídia, nas escolas e nas universidades: no Brasil de hoje, é melhor sempre duvidar e por conta da dúvida buscar a verdade, do que acreditar ingenuamente no que é despejado diariamente via jornais, revistas, mídias sociais, televisão etc. O exame dos fatos antes de se criar uma opinião a respeito de um assunto não só é um requisito para ser honesto com os outros, numa eventual discussão sobre esse assunto, como para ser honesto consigo mesmo, não permitindo que qualquer bobagem ou mentira ocupe o lugar reservado às idéias mais nobres, mais altas e mais importantes.



Bibliografia Básica

- ABREU, Alzira Alves de. *Eles mudaram a imprensa*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2003.
- AZEVEDO, Reinaldo. *O país dos petralhas*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- BÖHM-BAWERK, Eugen von. *A teoria da exploração do socialismo-comunismo*. Campinas: Vide Editorial, 2013.
- CARTER, Stephen L. *The culture of disbelief*. Nova Iorque: Basic Books, 1993.
- CARVALHO, Olavo de. *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*. São Paulo: Record, 2013.
- _____. *O jardim da aflições*. São Paulo: É Realizações, 2000.
- CHESTERTON, G. K. *Ortodoxia*. Campinas: Ecclesiae, 2013.
- CONSTANTINO, Rodrigo. *Esquerda caviar*. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- LUGAN, Bernard. *African Legacy: Solutions for a community in crisis*. Nova Iorque: Carnot, 2004.
- MAGNOLI, Demétrio; BARBOSA, Elaine Senise. *Liberdade versus igualdade – O mundo em desordem – Vol. 1 (1914-1945)*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- MARX, Karl. *Manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- _____. *Capital: an abridged edition*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2008.
- NARLOCH, Leandro. *Guia politicamente incorreto da história do Brasil*. São Paulo: Leya, 2011.
- PAIM, Antonio. *Marxismo e descendência*. Campinas: Vide Editorial, 2009.
- PONDÉ, Luiz Felipe. *Guia politicamente incorreto da filosofia*. São Paulo: Leya, 2012.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dante. *História da filosofia: filosofia pagã antiga*. São Paulo: Paulus, 2003.
- SKOUSEN, Cleon W.; FRIBERG, Arnold. *The naked communist*. Whitefish: Literary Licensing, 2011.
- TOCQUEVILLE, Alexis de. *Democracy in America*. Nova Iorque: Bantam, 2004.
- VOEGELIN, Eric. *Anamnese – Da teoria da história e da política*. São Paulo: É Realizações, 2009.
- _____. *Hitler e os alemães*. São Paulo: É Realizações, 2008.

Mentiram (e muito) para mim

Flavio Quintela

1ª edição – 1 de abril de 2014 – CEDET

Copyright © 2014 by Flavio Quintela

Os direitos desta edição pertencem ao

CEDET - Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico

Rua Ângelo Vicentin, 70

CEP: 13084-060 - Campinas - SP

Telefone: 19-3249-0580

e-mail: livros@cedet.com.br

Editor:

Diogo Chiuso

Revisão:

Thomaz Perroni

Editoração:

J. Ontivero

Capa:

Alessandra Quintela

Conselho Editorial:

Adelice Godoy

César Kyn d'Ávila

Diogo Chiuso

Rodrigo Gurgel

Silvio Grimaldo de Camargo

VIDE Editorial – www.videeditorial.com.br

Desenvolvimento de eBook

Loope – design e publicações digitais

www.loope.com.br

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer meio.

Ficha Catalográfica

Quintela, Flavio

Mentiram (e muito) para mim [recurso eletrônico] / Flavio Quintela – Campinas, SP: Vide Editorial, 2014.

eISBN: 978-85-67394-23-7

1. Literatura Brasileira – Crônicas 2. Realidade Social 3. Ideologias Políticas I. Flavio Quintela II. Título.

CDD B869.93

304

320.5

Índice para Catálogo Sistemático

1. Literatura Brasileira – Crônicas – B869.93

2. Realidade social – 304

3. Ideologias políticas – 320.5

Sobre o Autor



Nascido em 22 de agosto de 1975, casado com Alessandra, é formado em Engenharia Elétrica pela Universidade Estadual de Campinas. Trabalhou no setor de consultoria e engenharia em grandes multinacionais e acumulou vasta experiência como empresário na área de educação e línguas.

Atualmente dedica-se à literatura, tendo traduzido diversas obras de ficção, política e filosofia do Inglês para o Português, e revisado outras tantas. Tem um blog, Maldade Destilada, onde publica artigos sobre política, e também é colunista do portal de notícias Mídia Sem Máscara.

Esta obra é sua estréia como escritor.

Sobre a Obra

Quem nunca teve um professor socialista na vida, que desde cedo difundiu mentiras tentando influenciar sua visão de mundo? Eu me lembro perfeitamente do meu, de história, chamado Guilherme. Foi o primeiro grande mentiroso que tentou me enganar com a ladainha marxista.

Flavio Quintela, neste pequeno grande livro, começa com sua própria experiência escolar para discorrer sobre as várias mentiras que escutou ao longo da vida: o conceito de “mais valia”, fazendo ricos se sentirem exploradores; a idéia de que não existem mais direita e esquerda, mentira que atende apenas aos interesses esquerdistas; a falácia de que o PSDB seria um partido de direita (aquela que nem existe mais, não custa lembrar); o ataque às intenções da direita, como se todos os conservadores fossem “fascistas”, “xenófobos” ou “homofóbicos”; a inversão de que o legado da civilização ocidental é a opressão do homem branco, em vez de a ampla liberdade conquistada com forte influência dos valores judaico- cristãos; a noção de que o nacional- socialismo de Hitler tem mais a ver com a direita conservadora do que com a esquerda revolucionária; a visão de que todo bandido é uma vítima da sociedade; etc.

Enfim, é mentira “a dar com o pau”. Como lutar contra tantos falsários? Ora, fazendo isso que o Flavio está fazendo. Afinal, como o autor reconhece, o indivíduo faz diferença. E se os honestos se calarem, os mentirosos terão o caminho livre para disseminar mais e mais mentiras. Isso não podemos permitir!

— RODRIGO CONSTANTINO